

N.º3

AÇORES E MADEIRA

JULHO-SETEMBRO 2023

ÍTACA



A ODISSEIA NACIONAL DO
TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Disseia
nacional

ÍTACA

(1911)

Quando abalares, de ida para Ítaca,
Faz votos por que seja longa a viagem,
Cheia de aventuras, cheia de experiências.
E quanto aos Lestrigões, quanto aos Ciclopes,
O irado Poséidon, não os temas,
Disso não verás nunca no caminho,
Se o teu pensar guardares alto, e uma nobre
Emoção tocar tua mente e corpo.
E nem os Lestrigões, nem os Ciclopes,
Nem o fero Poséidon hás-de ver,
Se dentro d'alma não os transportares,
Se não tos puser a alma à tua frente.

Faz votos por que seja longa a viagem.
As manhãs de Verão que sejam muitas
Em que o prazer te invada e a alegria
Ao entrares em portos nunca vistos;
Hás-de parar nas lojas dos fenícios
Para mercar os mais belos artigos:
Ébano, corais, âmbar, madrepérolas,
E sensuais perfumes de todas as sortes,
E quanto houver de aromas deleitosos;
Vai a muitas cidades do Egipto
Aprender e aprender com os doutores.

Ítaca guarda sempre em tua mente.
Hás-de lá chegar, é o teu destino.
Mas a viagem, não a apresses nunca.
Melhor será que muitos anos dure
E que já velho aportes à tua ilha
Rico do que ganhaste no caminho
Não esperando de Ítaca riquezas.

Ítaca te deu essa bela viagem.
Sem ela não te punhas a caminho.
Não tem, porém, mais nada que te dar.

E se a fores achar pobre, não te enganou.
Tão sábio te tornaste, tão experiente,
Que percebes enfim que significam Ítacas.

Konstantinos Kaváfis

A Ítaca é a revista da Odisseia Nacional do Teatro Nacional D. Maria II.

Enquanto percorremos mais de 90 concelhos do país com espetáculos, projetos de participação, atividades para o público escolar, eventos de pensamento, ações de formação e uma exposição, encontramos nesta revista o momento para parar, conversar e ler. Nela descobrimos pessoas, ideias, projetos e territórios envolvidos neste programa anual que percorre Norte, Centro, Açores, Madeira, Alentejo e Algarve.

Neste terceiro número dedicado aos Açores e à Madeira, destacamos as conversas com os atores Carla Maciel e Manuel Moreira, registamos o modo de pensar dos coletivos insulares Atelineiras e Coletivo Quimera, percorremos os lugares favoritos do açoriano Jesse James e do madeirense Bernardo de Lacerda e descobrimos que elementos únicos a exposição *Quem és tu? – Um teatro nacional a olhar para o país* desvenda a quem a visitar nos arquipélagos, conforme nos revela o seu curador, Tiago Bartolomeu Costa.

Boa Odisseia Nacional!

- 02 ENTREVISTA**
Carla Maciel, protagonista da *Casa Portuguesa*, entrevistada por Marco Paiva
- 08 DIÁRIO DE BORDO**
Entre lugares e memórias: fragmentos de uma Odisseia, por Rita Forjaz
- 12 RETRATO**
Pessoas, lugares e arte: a praia da ondamarela, por Carolina Lapa
- 16 PRIMEIRA PESSOA**
Manuel Moreira à conversa com Rui Maria Pêgo
- 22 VER FAZENDO**
Semear Frutos, provocar Atos. Reportagens de Maria Inês Santos e Rafael Ascensão
- 26 NEXOS**
Públicos com necessidades específicas, por Maria Vlachou
- 28 BASTIDORES**
descobri-quê? – À descoberta do outro lado da história
- 34 NAVEGAÇÕES**
Os Açores de Jesse James e a Madeira de Bernardo de Lacerda
- 38 CENÁRIOS**
Do teatro ao nível dos olhos aos trajetos de aproximação, por Patrícia Silva Santos
- 42 URGENTES EMERGENTES**
Sozinhas somos fortes, juntas somos manas, por Atelineiras
Os coletivos artísticos e a sua importância, por Coletivo Quimera
- 46 EXPOSIÇÃO**
Be not afeard; the isle is full of noises, por Tiago Bartolomeu Costa
- 50 OUTRAS CASAS**
Espaços insulares que nos abrem as portas
- 56 FORA DE PALCO**
Açores e Madeira em cinco experiências únicas
- 63 AGENDA**

CARLA MACIEL

“O MELHOR QUE PODEMOS TER DESTA ODISSEIA É O RETORNO DO PÚBLICO”

ENTREVISTA POR MARCO PAIVA

0
2

É uma das protagonistas da *Casa Portuguesa*, espetáculo de Pedro Penim que anda a percorrer o país na Odisseia Nacional. Carla Maciel, atriz, criadora e encenadora, esteve à conversa com o amigo Marco Paiva, ator, encenador, fundador da Terra Amarela – Plataforma de Criação Artística Inclusiva. Juntos, ficavam horas à conversa, os assuntos davam “pano para mangas”. A importância do coletivo, a falta de condições de trabalho da comunidade artística ou a curta vida dos espetáculos foram alguns dos temas abordados, numa conversa onde houve espaço para Carla falar com entusiasmo sobre as novas linguagens que tem vindo a trabalhar, a necessidade de desafiar e de ser desafiada, e sobre aquilo a que se tem permitido: errar mais, “o teatro está vivo”.

She is one of the leading actors in *Casa Portuguesa*, a play by Pedro Penim that is touring the country as part of Odisseia Nacional. Carla Maciel, an actress, creator, and director, talked to her friend Marco Paiva, an actor, director, and founder of Terra Amarela — Plataforma de Criação Artística Inclusiva [Platform for Inclusive Artistic Creation]. They would happily chat for hours and hours, the subjects are endless. The importance of the collective, the lack of working conditions of the artistic community, or the brief life span of shows were some of the topics in a conversation in which Carla spoke enthusiastically about the new forms of language she has been working in, the need to challenge and be challenged, and about the things she has allowed herself: to make more mistakes, “theatre is alive”.



Marco Paiva (MP): És uma atriz com um conjunto muito raro de qualidades técnicas e emocionais, até fiquei a imaginar o que é que a Carla Maciel não seria capaz de fazer e não consegui pensar em nada.

Carla Maciel (CM): Muita coisa! [risos]

MP: Então tentei pensar naquilo que, quando te conheci, mais sobressaiu, que foi a ideia de que para ti é muito importante a questão do coletivo, da tua gente, que está muito presente no teu trabalho. Sentes que transpiras essa importância do coletivo, do bem-estar do outro? De onde é que isso te chega?

CM: Dizes bem, ligo muito ao coletivo. Comecei muito nova, com seis anos, em coletividades e fiz teatro amador. Tive um grupo de música popular com o meu pai, e acho que este lado mais amador nos dá essa noção do coletivo, de que todos precisam de ajudar. Mesmo tendo 12 ou 13 anos, tenho de enrolar cabos no final de um espetáculo, tenho de ajudar para irmos todos embora, para ainda fazer uma viagem, descarregar a carrinha para deixar num armazém e depois ir para casa. Isto vem da minha educação, tanto a nível profissional, como familiar. Fui criada no seio de uma família onde o coletivo era muito importante, as conversas e a partilha eram muito importantes, e o escutar também, mesmo que isso não agradasse a quem estivesse a ouvir. A crítica construtiva, que acho que hoje falta muito, o espírito crítico para o desenvolvimento, para a evolução.

MP: Como é que alimentas essa ideia de coletivo quando chegas a um grupo de pessoas onde esse conceito não existe? Profissionalmente, já te aconteceu sentires-te um pouco isolada num grupo de pessoas que não tem esse ímpeto de uma construção em conjunto? Como é que geres isso?

CM: Se lidero um projeto da minha produção, coloco o grupo à vontade para partilhar, forço essa partilha, escuto, pergunto o que é que o grupo acha. Se estou num projeto em que participo como atriz, sou mera convidada, é uma questão de sensibilidade, de perceber o que posso dizer e o que devo guardar para mim.

MP: Isso castra-te enquanto intérprete?

CM: Um bocadinho. Tento dar a volta de outra forma, estudar outros caminhos para chegar onde o encenador quer. Escuto muito, sou atenta nesse sentido. Acho que é por isso que aprendi tantas coisas rapidamente, sou uma autodidata. Não fiz o conservatório, andei a formar-me lentamente. Comecei na companhia Seiva Trupe, fiquei lá durante cinco anos. Depois saltei para Lisboa, para novos caminhos, fui fazendo workshops, formações. Fiz há pouco um mestrado em Estudos de Teatro, fui lendo os clássicos, aquelas obras que normalmente se aprende no conservatório, fui estudando por mim, e acho que isso me dá também esta capacidade de escuta.

MP: E essa disciplina de trabalho que tens.

CM: Sim, conquistei tudo muito lentamente, e não há mal nenhum nisso, não me estou a queixar, até porque isso dá-nos outra disponibilidade e outro foco.

MP: Conquistaste muita coisa, tens uma carreira muito eclética, muito transversal, fazes um percurso na televisão, no cinema, no teatro. No teatro tens três valências: quando trabalhas enquanto intérprete, nos muitos trabalhos que fazes, que são cocriações, e tens o teu Dostoiévski [*Confissões de um Coração Ardente*], que é a tua criação enquanto encenadora. Como é que te colocas nestes três lugares e onde é que te sentes mais confortável?

CM: Como criadora ainda sinto medo, isto é mesmo muito honesto.

MP: Deixa-me dizer-te que para quem tem medo e escolhe para primeira criação a obra do Dostoiévski com aquele elenco, Albano Jerónimo, Gonçalo Waddington, Miguel Loureiro, Teresa Coutinho, Tónan Quito... [risos]

CM: [risos] E tu também entraste! Sim, foi um projeto mega-lómano. Começou com um ou dois livros e depois alarguei para toda a obra, até porque fazia parte da minha dissertação de mestrado. Houve seis anos de preparação, foi muito exaustivo. Com esse espetáculo, tendo em conta o elenco que consegui, a partilha em conjunto, a construção com a equipa toda, senti que criar só faz sentido se tivermos as condições ideais para o fazer.

MP: O que é que te leva a encenar, há textos ou temáticas concretas que te movem?

CM: Por exemplo, no Dostoiévski foi a forma como fala da natureza humana, dizia-me muito, identificava-me muito com aqueles personagens. Como é que te sentes na humilhação, como é que te sentes no amor, e move-me a ideia do amor, está muito presente na minha vida. Tem de ser algo que me esteja a inquietar e que queira falar.

MP: Lidas bem quando cada um dos cocriadores que está contigo parte de razões diferentes para a criação?

CM: Gosto muito de convidar pessoas que admiro, profissional e intelectualmente, para trabalharem comigo. Quero que essas pessoas me dirijam, quero conhecer a cabeça delas, como foi o caso do Miguel Loureiro ou do Tiago Rodrigues, na *Bovary*. Parto da ideia de que gostava de trabalhar com aquela pessoa, vou fazer-lhe um convite, quero fazer esta personagem e acho que aquela pessoa é a ideal para a transformar ou fazer de forma clássica. É uma cocriação nesse





Bovary, encenação de Tiago Rodrigues © Filipe Ferreira

sentido, a partir do momento em que se percebe a ideia do texto, depois é uma descoberta em conjunto.

MP: Numa ideia de grupo, cada vez mais as funções do encenador diluem-se e quem está ali presente é uma peça daquele jogo, que vai jogar com as ferramentas que tem. É tão importante a pessoa que escolhes para dirigir, como o trabalho de construção de personagem, que não fica abaixo daquilo que pode ser uma decisão de encenação.

CM: Até porque essa pessoa tem outra forma de me fazer chegar a coisas que nunca cheguei. Quero estar sempre a evoluir e a trabalhar com pessoas diferentes, que admiro, com quem nunca trabalhei. Esta coisa da experimentação tem um lado desconfortável que me agrada, porque é o lado que me desestabiliza. Tenho tendência para ser um bocado obcecada pelo virtuosismo, e procuro sempre o “tirem-me o tapete”. Ser atriz é o que gosto mesmo e onde me sinto bem, entro no palco ou no *set* e esqueço tudo. As cocriações são aquilo que gostava de fazer e que sei que, se calhar, posso vir a não ter tempo. Então, torno-me pró-ativa.

MP: Porque é que achas que podes vir a não ter tempo?

CM: Sabemos como está o estado da cultura em Portugal, não há salas suficientes, não há espaço para todos, temos de dar lugar a outras pessoas. Já ando aqui há 30 anos e isto não há maneira de mudar. É por isso que acho que podemos não ter tempo, a idade começa a avançar, a partir dos quarentas começa a pensar nisso, se bem que quero trabalhar até aos 70 ou aos 80 anos, se puder.

MP: Uma das coisas mais bonitas desta profissão, principalmente quando trabalhas muito como intérprete, é poderes trabalhar enquanto sentires energia para o fazer. Nos últimos tempos, tens feito muito cinema, temos-te visto a aparecer em obras e formatos muito distintos, de realizadores também muito distintos. Que relação tens com o cinema?

MP: O cinema no início, foi assim uma cena amor-ódio, porque aquilo fascinava-me, mas castrava-me, ao mesmo tempo. Tinha até conversas com o Gonçalo [Waddington], porque a primeira obra em que entrei mais a sério foi no filme dele [*Patrick*]. Não me sentia como no teatro, aquela liberdade e aquele sentimento que às vezes até te esqueces onde estás, o que é que estiveste a dizer, deixas-te levar.

MP: Achas que pode ser porque o cinema é menos cocriado?

CM: Sim, também. Mas é engraçado, porque à medida que vais fazendo cinema, vais descobrindo ferramentas para fazeres da forma adequada à linguagem, porque são linguagens completamente diferentes. No teatro controlas até ao fim o espetáculo, estás lá. No cinema não, fazes parte de uma fase do processo, depois a história simplesmente pode ser mudada na montagem, podem colocar cenas tuas em variadíssimas situações. Há a fase do guião, a fase de trabalhar a dramaturgia, o *set* em que estás a rodar, e depois largas e já não dominas mais aquilo.

MP: Ficas a pensar durante esse período, até veres o resultado?

CM: No *Léguas* foi curioso, porque pelo facto de ser protagonista, tive mais consciência do que estive a fazer e senti que a missão foi cumprida. Quando comecei a fazer cinema, não me dava prazer, mas depois comecei a perceber a linguagem, a ver mais cinema, a observar atrizes que admiro, a perceber como é que trabalham e agora o cinema está a incrustar-se, está a ser prazeroso.

MP: Este caminho que fazes, começa com a Seiva Trupe, e apanhas uma época muito particular dos anos 90, até agora, onde trabalhas com criadores contemporâneos que marcam muito as gerações, o Gonçalo Waddington, o Tiago Rodrigues, o Pedro Penim. No decorrer deste tempo, o que é que achas que marcou a inquietação artística na criação? No fundo, que caminho tem feito a criação artística que produzimos em Portugal?

CM: Evoluiu muito, até porque não havia as oportunidades que há hoje. No ano 2000, quando vim do Porto para Lisboa, andei a entregar currículos em mão, não havia as plataformas, os teatros que há hoje. Mesmo a própria comunicação entre cidades, ninguém conhecia o meu trabalho, porque ninguém de Lisboa ia ver os espetáculos ao Teatro Nacional [S. João], nem à Seiva Trupe, havia uma separação. Esta comunicação e o intercâmbio de criações tem vindo a evoluir muito. Há muito mais pessoas a criar, as linguagens foram abrindo, houve um desenvolvimento enorme.

MP: O que é que achas que levava a Seiva Trupe a fazer um espetáculo, e o que é que leva, por exemplo, o Pedro, o Tiago ou o Gonçalo a fazer um espetáculo, o que é que os empurra para a criação?

CM: Na Seiva Trupe trabalhavam muito os clássicos, as peças consideradas importantes. Pensavam os tempos, mas de uma forma um bocadinho mais fechada, acho. Estes criadores pensam as temáticas mais em contacto com o mundo. Acho que a grande diferença é essa, o abrir para o mundo, para as necessidades que nos rodeiam.

MP: Sentes diferença enquanto atriz quando trabalhas na lógica dos encenadores que estão quase a escrever contigo? O que é que isso te dá enquanto intérprete, que não te dá quando estás a trabalhar a dramaturgia de um texto que já conheces?

CM: É muito mais libertador, permite-me ir a muitos sítios e permite-me até um entendimento melhor. Para já, estas pessoas estão ao meu lado, estão a discutir comigo os temas e estou a conhecer a cabeça delas, posso questionar diretamente porque é que escreveste esta palavra e não escreveste outra.

MP: E isso alimenta o teu lado criador?

CM: Também. Aprendo imenso. Num texto clássico, está lá tudo, porque os clássicos dizem-nos muita coisa, mas não tens o autor para discutir contigo e tens de ir buscar àquela personagem o que é o “normal”, que toda a gente faz, se bem que tento sempre dar um cunho e ir buscar outra visão.

MP: Também depende dos diretores, o Miguel Loureiro tem a genialidade de conseguir trabalhar sobre um texto que recebe, que está escrito e que domina profundamente, mas depois é muito inventivo na sua proposta cénica.

CM: Sim, isso é fascinante. Há uns anos, algumas companhias limitavam-se a cumprir e a fazer como os autores pretendiam. Gostavam do texto e faziam-no de forma clássica. Quando cheguei ao Teatro Meridional e fiz o *Delirios dell'Arte* senti-me perdida, não sabia improvisar. Os cinco anos que trabalhei lá foram muito importantes, a procura pelo virtuosismo, pela perfeição, aprendi imenso. Depois cheguei a um ponto que pensei, quero destruir isto tudo, porque não estava a ser livre em palco, estava sempre preocupada. A partir do momento em que comecei a trabalhar com o [Gonçalo] Amorim, conheci encenadores que trabalham linguagens diferentes, permiti-me errar. Com a idade, estou a permitir-me errar mais, o teatro está vivo e não tenho de fazer sempre tudo certinho. Tenho vindo a trabalhar nisso, a destruir tudo aquilo que conquistei.

MP: Que é um acumular de experiência, consegues destruir hoje, porque tens uma segurança técnica, emocional, intelectual muito sólida.

CM: Tem sido curioso trabalhar com a Rita [Calçada Bastos] nestes monólogos, na *Nina* [*Se eu fosse Nina*] e na *Clarice* [*Eu sou Clarice*], ela é virginiana, tal como tu, também é perfeccionista e conhece-me muito bem, estamos muito em sintonia. Às vezes digo-lhe, *hoje o santo não baixou*, costume dizer que quando o santo baixa, esqueço-me de tudo e a cena acontece



Marco Paiva e Carla Maciel à conversa no Jardim Gulbenkian, Lisboa

por completo. Mas não pode baixar todos os dias e, nestes monólogos, que são muito mais exigentes e estou sozinha, aprendi a permitir-me errar e a não ser tão exigente comigo própria, e a Rita tem-me ajudado imenso nesse aspeto. Ao mesmo tempo, sabe até onde posso ir e exige de mim aquilo que não é igual aos outros espetáculos que já fiz. Gosto disso num encenador, que seja honesto e sincero comigo.

MP: Olhando para aquilo que é hoje a arte em Portugal e para aquilo que falavas de andarmos todos um pouco a lutar contra o tempo, como é que olhas para os próximos 10 anos, como é que vês o que pode ser, por um lado, o teu caminho enquanto artista e, por outro, o que é que nos espera enquanto setor – não sei se gosto muito desta palavra – enquanto pessoas que trabalham na área cultural? Como é que vamos sobreviver a este peso do tempo que não temos?

CM: É isso mesmo, é um peso e não devia ser. De facto, preocupo-me muito, tenho pensado muito nisso. Temos artistas, criadores, ideias incríveis, tudo para se poder fazer. Não temos é oportunidade nem dinheiro para o fazer, e o dinheiro não se vê só no orçamento alocado à cultura, vê-se nas condições de trabalho. Não temos salas de ensaio, nem salas de apresentação, e isso também conta como dinheiro, que poderia ser apoiado pela Câmara [de Lisboa], que podia ceder espaços que estão vazios aos artistas e colocar algumas companhias novas, que são excelentes e têm ideias incríveis, a programar e a mediar esses lugares. Se cedessem esses espaços de ensaio e os artistas não tivessem de os pagar, já era uma grande ajuda.

MP: O que é que achas que nos falta construir para podermos pensar na próxima década com outra serenidade?

CM: Há um completo desligamento em relação à importância da cultura. Isto dava pano para mangas, mas acho que nos falta, por exemplo, começar a dinamizar escolas com artistas que têm formação para poderem estar a dar aulas de dramaturgia e a levar os miúdos ao teatro. Não só ao teatro, música, exposições, fazer desta área uma disciplina. Depois, eram as tais condições de trabalho para os artistas. Se os artistas tivessem essa ajuda, isso já era meio caminho andado para se poder propor as ideias que estão na gaveta. Não posso andar a propor os meus espetáculos todos, porque sei que os teatros não têm capacidade, ou a capacidade que têm é para apresentarmos dois ou três dias. Estares a trabalhar durante um ano ou dois, e depois apresentares três dias de réцитas, não é interessante. Já se está a fazer esta Odisseia, e acho que é mesmo muito importante levar os espetáculos a outras terras e dar continuidade. É fundamental para começar a criar correntes de públicos noutras cidades.

MP: Fazes parte desta Odisseia Nacional com a *Casa Portuguesa*, de Pedro Penim. Qual tem sido a relação que os públicos têm tido com o espetáculo nos diferentes territórios?

AGENDA

Espectáculo

CASA PORTUGUESA

14 JUL · Teatro Micaelense (Ponta Delgada)

23 SET · Teatro Municipal Baltazar Dias (Funchal)

CM: Tem sido incrível. Este espetáculo tem muitas temáticas da linguagem do Pedro, notamos em alguns sítios que o público empatiza mais com umas do que com outras. Por vezes, são temáticas que as pessoas nem queriam ou se recusariam a ouvir, mas que no espaço do teatro não só as ouvem, como se consciencializam de que elas existem. Fomos a grandes cidades, era bom que fossemos a cidades mais pequenas também. Ainda no outro dia estava a conversar com o Pedro, isto tem de ter continuidade. Um espetáculo que está em Lisboa um mês poder continuar durante mais um ano em digressão, e depois, se calhar, internacionalizar, seria incrível. O espetáculo continuar a ter vida e a rentabilizar o dinheiro que nele foi investido. Era muito bom se a Odisseia pudesse continuar como uma Rede Eunice Ageas mais alargada e, a partir de agora, todos os espetáculos estreados no D. Maria II fariam este percurso.

MP: Até porque a grande mais-valia é, como tu disseste, poder discutir temáticas que muitas vezes não são tidas em conta, e não é só no pensamento artístico, é no pensamento coletivo enquanto sociedade. O ato performativo pode ter essa força de colocar em cima da mesa questões que nós temos de discutir enquanto coletivo social, e isso é tão importante fazer numa grande cidade, como em qualquer canto do território.

CM: Exato. O melhor que podemos ter desta Odisseia é o retorno do público. Sem público não somos nada. O retorno é quando as pessoas vêm ter contigo e dizem *obrigada por terem trazido este espetáculo, tivemos aqui quase uma hora a discutir sobre aquilo que vimos*. Teres pessoas a refletir sobre aquilo que estiveram a ver, isso é a mais-valia, é sinal de que estás a fazer realmente bem em espalhar a arte pelo país.

MP: Terminamos a nossa conversa em redondo, colando com o início esta ideia de partilha de pensamento que as artes performativas trazem. Não é só fazer um espetáculo,

é construirmos qualquer coisa que vai para além do lugar protegido do teatro e que se espelha na forma como as pessoas se relacionam no seu dia-a-dia. É tornar mais forte o sentido coletivo.

CM: Até porque as pessoas depois vão discutir esses temas para os seus trabalhos, as ideias vão continuar a ser partilhadas. Mesmo que outras pessoas não tenham visto o espetáculo, vão levar com o retorno de uma pessoa que viu e que quer falar sobre esses assuntos.

MP: Acho que se a arte tiver que ter algum interesse, pode ser esse, o de construirmos juntos qualquer coisa que nos modifique o dia-a-dia, que não se esgote num momento efémero. Tudo aquilo que são as temáticas que desenham as obras artísticas, nos façam ter o tal sentido crítico que falavas ao início, nos façam pensar no outro, gerar empatia, tomar uma posição sobre a sociedade onde vivemos.

CM: Claro, isso é que é construtivo.



ENTRE LUGARES E MEMÓRIAS: FRAGMENTOS DE UMA ODISSEIA

POR RITA FORJAZ

08 Pelos lugares por onde vai passando a acompanhar a Odisseia Nacional, Rita Forjaz, produtora executiva do D. Maria II, vai captando momentos e pensamentos, que regista para memória futura. Sorte a nossa, tivemos acesso ao seu valioso diário de bordo que nos revela algumas das imagens e curiosidades que o seu olhar atento vai escolhendo preservar. Guimarães, Ovar e Torre de Moncorvo foram alguns desses lugares. E para celebrar a passagem da Odisseia pelo arquipélago dos Açores, a Rita mergulhou nas suas memórias para recuperar alguns dos ingredientes que fazem parte da sua ligação com as ilhas Terceira, São Miguel e Pico.

Everywhere she visits with Odisseia Nacional, Rita Forjaz, an executive producer of D. Maria II, captures moments and thoughts which she records for the sake of future memory. Luckily, we were able to access her valuable log-book, which reveals some of the pictures and oddities that her attentive eye chooses to preserve. Guimarães, Ovar, and Torre de Moncorvo were among those places. And to celebrate Odisseia's journey through the Azorean archipelago, Rita delved into her own memories in order to recover some of the ingredients that are part of her connection with the islands of Terceira, São Miguel, and Pico.



GUIMARÃES

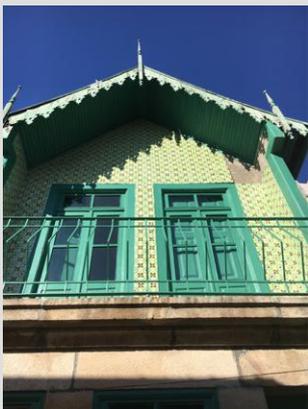
Março 2023. Mercado de Guimarães em dia de feira. Molinhos de amores-perfeitos e quaresmas (as amarelas) e de espigas (as altas) tão baratos que não consegui resistir e arranjei logo uma bela desculpa para levar um de cada (não sei se a companhia do coreógrafo Sergiu Matis acha alguma piada a flores, mas vieram na mesma), galinhas em cestos, ainda andei atrás da abóbora calondro mas sem grande sorte e forragem de flores mais pequeninas na rua. Ainda coube no saco ervilhas tortas, maracujás e broa caseira de milho e centeio.

Ai se eu aqui vivesse.



OVAR

Maio 2023. *Toqui-foge*: uma noite, um dia e meio com viagens incluídas (como sempre, por mim ficava até me sentir uma local). Pão de ló (que não provei), azulejos (uma novidade para mim; e parece que também a tanoaria, cordoaria, cerâmica, papel e outras artes do fazer são fortes no concelho), um rio a atravessar a cidade e que dá para percorrer entre as margens e os quintais, o maior pé de hortelã selvagem que já vi (e claro que veio uma haste comigo nem que seja para perfumar a mala até Lisboa), Lisboa desde 1892 ao virar de uma esquina, e nichos e telhados, lojinhas (era preciso pelo menos uma semana aqui), e plantas a fugirem dos quintais abandonados (quem conhece? É uma trepadeira).



TORRE DE MONCORVO

Março 2023. Só chegar já é uma viagem em si. Porto > Torre de Moncorvo, de carreira, uns metros acima do que é normal (super cómodo, uma boa maneira de fazer turismo, porque não?), eu e mais uns gatos pingados, imigrantes do outro lado do mundo (no fundo quase que eu também) e os velhotes de outros tempos. O país real e por pouco mais que uma dezena de euros. Azulejos coloridos a revestir as fachadas, casas com recortes em madeira, frio até aos ossos (valham-nos as vestimentas 100% lã, já aprendi), igreja que na verdade é basílica (menor – será que há maiores? – com direito a concerto de cravo do aluno da terra que está a estudar em Bragança e aproveita os fins de semana para estudar), muitas casas a cair (falta de habitantes e não de habitação; ou de habitantes que queiram estas habitações), eu já arranjava um oleado como os que usavam nas minas de ferro, interiores e revestimentos meios parados no tempo (mas por aí continuam) e o mercado era de festa e não o da semana mas deu para trazer laranjas, alheiras, esquecidos e gabar o lindo alforge (finalmente! com a maior naturalidade a senhora da banca a dizer que há que dar uso ao que já existe).

AÇORES

Mar.rocha.pastagens. Azul.preto.verde. Na imagem bíblica não estamos na terra, mas no paraíso. Um paraíso que me é familiar (será que ter metade dos genes açorianos e o mapa astral passar por ali e, para além de ser uma turista adulta esporádica, não ter mais nenhuma experiência além de lá viver uns meses ainda bebê ou ter passado duas ou três férias de verão mandada de avião, sem pais, para os avós, que na verdade eram meios desconhecidos, será que apenas isso condiciona tanto como vemos e sentimos o espaço?). Não tive a sorte de me calhar trabalho no arquipélago (nem na minha ilha, nem nas outras) mas se lá fosse não perdia as maçarocas de milho no parque de estacionamento das Furnas, o mercado de Ponta Delgada ao sábado, para o peixe com nomes que nunca ouvimos e mais tudo o que é da terra ou regional, que é mais pequeno ou feio mas melhor, do limão (galego), ao tomate, à uva (americana ou de cheiro), à maçã (das Furnas acho, ácida como sei lá), o mar ou melhor o oceano (que isto aqui no continente, na linha perto de casa pelo menos, é uma sopa, uma piscina choca) sempre que uma aberta aparece (a regra é estar sempre preparada) e se descobre uma poça nova numa freguesia nova (ou sempre, mas sempre no areal único de Santa Bárbara que não há memórias de banhos melhores – renasce-se ali), a Oficina-Museu de Artes e Ofícios das Capelas e o senhor Manuel João Melo (podia ser eu), uma queijada de feijão (pretas, escuras) no café sabe-se lá onde, a massa sovada (sem nunca conseguir decorar qual é a boa e não vale a pena perguntar porque isso é diferente para cada um), a linguiça do Talho Garcia em Angra (pode haver outras, mas esta chega), o Pico, magnético, no seu sopé ou de longe do outro lado do canal. Ver e cheirar, sentir e estar.



RETRATO

ONDAMARELA

PESSOAS, LUGARES E ARTE: A PRAIA DA ONDAMARELA

POR CAROLINA LAPA

1
2



Ana Bragança e Ricardo Baptista são os rostos da ondamarela, empresa criada em 2015 que encontra nas pessoas e nos lugares a inspiração para o desenvolvimento de projetos artísticos, sociais e educativos. Na Odisseia Nacional, pudemos assistir à performance *Vida Real*, criada coletivamente com pessoas de Vila Real, e *Nós, quem somos?*, que juntou num só espetáculo diferentes comunidades de Castelo Branco. A onda continua a avançar pelo país, com destino a Beja em novembro. Mas não pensem que as ilhas escapam. Nos Açores, são os responsáveis pela banda *Som Sim Zero* desde 2018, um projeto regular encomendado pelo festival Tremor e que junta à ASISM – Associação de Surdos da Ilha de São Miguel, todos os anos, diversas comunidades açorianas numa performance musical que até já pisou o palco do Rock in Rio Lisboa. Chamam Guimarães de casa, mas a sua praia são as pessoas, os lugares que habitam e a arte que todas são capazes de fazer.

Ana Bragança and Ricardo Baptista are the people behind ondamarela, a company established in 2015 that uses people and places as inspiration for the development of artistic, social, and educational projects. At Odisseia Nacional, we witnessed the performance *Vida Real*, created collectively with people from the city of Vila Real, and *Nós, quem somos?*, which brought together different communities from the city of Castelo Branco in a single show. The wave continues to move across the country, heading to the city of Beja in November. Including the islands! In the Azores, they've been responsible, since 2018, for the band *Som Sim Zero*, a regular project commissioned by the Tremor festival which brings together the ASISM – São Miguel Island Association for the Deaf and various Azorean communities every year in a musical performance that has already taken the stage at Rock in Rio Lisboa. Their home is Guimarães, but their favourite places are the people, the places they inhabit, and the art they are all capable of making.





A ASISM e a Escola de Música de Rabo de Peixe juntas, pela primeira vez, em 2019 na abertura do Festival Tremor © Paulo Pimenta

ferramentas que se mantêm até ao fim do processo: formar uma roda, total horizontalidade, encontrar um lugar de conforto, jogos criativos. Independentemente dos grupos que ali se cruzam, já se sai da primeira sessão com algo criado coletivamente, pode ser um refrão, um texto, uma ideia ou movimento.

Ana e Ricardo garantem que é isso que faz com que as pessoas regressem na sessão seguinte, mas nem sempre é fácil. Até na banda *Som Sim Zero*, projeto proposto pelo festival Tremor e que junta anualmente, desde 2018, a ASISM - Associação de Surdos da Ilha de São Miguel a outras comunidades da ilha, a primeira sessão tinha tudo para ser também a última, como conta Ricardo: “Vieram dizer que não iam participar. Não se iam expor em cima de um palco, ainda por cima na área da música, nem sequer compreendiam por que o Tremor os tinha convidado, diziam que tinham vindo apenas por respeito ao convite e à insistência da organização do festival. E nós, *tudo bem, a última coisa que nos interessa é forçar pessoas a fazer seja o que for, mas podemos fazer aqui uma roda* [risos]”.

O grupo regressou no dia seguinte e a ondamarela saiu dessa sessão com o mesmo material com que sai de sessões com comunidades não-surdas. Ricardo acrescenta: “O que esse projeto tem de especial é ainda estarmos todos muito interessados em primeiras vezes. Fazermos coisas pela primeira vez. Ao fim de algum tempo, o papel de diretor artístico não desaparece, mas dilui-se bastante, porque já tens os outros elementos do grupo como um coletivo artístico”. À ASISM já se juntaram ao longo dos anos a Escola de Música de Rabo de Peixe, o Coral de São José, a Associação Escolinhas da Vila, a Associação Desportiva de Vila Franca, o Grupo de Cantares e Serenatas de Vila Franca do Campo, os Bora Lá Tocar.

Regressemos à metodologia da ondamarela. Sair da primeira sessão já com algo criado coletivamente é, para Ana e Ricardo, o momento de viragem. A confiança está instalada e é ela que permite a introdução de ferramentas como as listas *O que te faz feliz?* e *O que te tira o sono?* ou o preencher espaços vazios, para a criação a partir da folha em branco. As pessoas e os seus lugares são, assim, criadores e matéria de criação para uma apresentação que procura incluir o máximo de diversidade de comunidades que um território pode ter.

Aconteceu em Castelo Branco com o projeto do programa Atos da Odisseia Nacional, *Nós, quem somos?*. Ricardo visitou uma escola, começando por dirigir-se à sala de aula dizendo que estavam interessados em pessoas de Castelo Branco. Rapidamente, os braços se levantaram dizendo que não eram de Castelo Branco. Aquela escola acolhe crianças com estatuto de refugiado. Com a mesma rapidez, perceberam a mensagem, como relata Ana: “Quem são as pessoas que habitam Castelo Branco hoje? É o grupo alargado de crianças da Escola do Castelo, são os alunos do Conservatório de Música que vêm dos PALOP, é

a Universidade Sénior Alcabastrense, é o Grupo de Teatro Tramédia, a banda *punk* que se juntou na última semana. Um grupo muito diverso e de pessoas desconhecidas umas das outras, apesar de viverem na mesma cidade”.

Ao fim de oito anos de ondamarela, o que os faz felizes e o que lhes tira o sono? É certamente fonte de felicidade saber que, por causa do projeto *Nós, quem somos?*, Amir, criança afegã a viver em Castelo Branco, criou uma amizade com Ricardo, baterista da banda *punk*, o que já levou Ricardo a visitar a escola de Amir para mostrar à turma alguns instrumentos de percussão. “Criou-se ali uma relação especial”, diz Ana, que também reflete sobre o que lhe tira o sono: “Uma leitura superficial da humanidade traz-te alguma descrença. Ficas dececionado com as pessoas muito facilmente. Basta ver televisão, ler notícias”. E a ondamarela traz para si um restinho de esperança: “Este tempo que temos, por força do nosso trabalho, de conhecer as pessoas e perceber o que de melhor têm, temos, faz-me acreditar que o que a humanidade tem de bom é muito maior do que o que tem de mau. É mesmo uma sorte.” Já Ricardo, olha para o seu trabalho como uma inevitabilidade daquilo que são: “Somos pessoas que gostam disto. O nosso interesse artístico é nisto, no material que as pessoas trazem. É isto que mais me satisfaz fazer: conhecer pessoas e criar coisas com elas”. A nós, satisfaz-nos saber que a ondamarela tem ainda mais um encontro marcado na Odisseia Nacional, em novembro, com as comunidades de Beja. Que esta onda continue a crescer!



Espectáculo *Nós, quem somos?* em Castelo Branco © João Versos Roldão



MANUEL MOREIRA

“HÁ
COINCIDÊNCIAS
BONITAS QUE TÊM
DADO UM GOSTO
ESPECIAL A ESTA
ODISSEIA”

ENTREVISTA POR RUI MARIA PÊGO

Manuel Moreira, um dos protagonistas da peça *O Misanthropo – por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière*, encenada por Mónica Garnel, é entrevistado pelo também ator, apresentador, locutor e amigo de longa data, Rui Maria Pêgo. Numa conversa próxima, repleta de cumplicidade, no ano em que assinala 20 anos da sua estreia em teatro, no *D. Maria II*, Manuel fala sobre a maior liberdade que sente em relação ao trabalho, da alegria de ver salas cheias, da importância da representatividade e de fazer espetáculos com quem realmente gosta. Tudo isto com gargalhadas e perucas à mistura.

Manuel Moreira, who plays one of the main characters in the play *O Misanthropo – por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière*, directed by Mónica Garnel, is interviewed by Rui Maria Pêgo, also an actor, TV host, radio presenter, and long-time friend. In a candid conversation brimming with affinity, celebrating the 20th anniversary of theatre's debut at *D. Maria II*, Manuel talks about the greater freedom he feels towards work, the joy of facing full theatre halls, the importance of representation, and doing shows with those he really cares about. All of this together with laughter and a few wigs.

1
7

PRIMEIRA PESSOA

Rui Maria Pêgo (RMP): Vamos falar sobre a peça que andas a fazer pelo país nesta Odisseia Nacional, mas antes de lá chegarmos, meu querido Manel, o que é para ti uma verdadeira odisséia? É sobreviver como ator, é encontrar espetáculos que te deixem muito entusiasmado...

Manuel Moreira (MM): Sobreviver a grande parte dos meus trintas foi uma odisséia, sobretudo porque tinha pouco trabalho, não só porque acontece a muitos atores passarem períodos sem trabalho, mas talvez também fruto de alguma falta de estratégia minha, e das pessoas à volta de quem orbitava profissionalmente. Aquilo que fiz nos meus vinte e sete anos pouco fruto para os meus trintas, portanto, foi uma odisséia mais naquele sentido clássico do ator que tem de sobreviver e que passa mais tempo a trabalhar em bares do que a fazer aquilo que gosta. Apesar de ter tido momentos bons e de ter feito, ocasionalmente, espetáculos com a mala voadora, que em parte são responsáveis por me ter conseguido agarrar à profissão de ator, nestes últimos três ou quatro anos, que foram tão difíceis para a maior parte das pessoas, para mim as coisas têm sido um bocadinho mais espontâneas.

RMP: Com mais oxigénio.

MM: Sim, tenho conseguido respirar melhor, não só porque tenho ganho mais dinheiro, mas também porque vi-me envolvido em projetos que, de certa maneira, foram odisséias, nomeadamente a *Avenida Q*, que fiz contigo, que foi uma catapulta para uma data de outras coisas e, no meu caso, pode eventualmente até ter salvado o que restava da minha coragem para continuar a querer investir nesta profissão. Também porque foi um projeto muito longo...

RMP: Que se aguentou durante a pandemia.

MM: Sim, foi um projeto pouco provável de ser vendido com sucesso em Portugal, mas não só foi vendido como esgotou, levou a uma segunda e terceira temporadas. Este período pandémico e pós pandémico tem sido uma odisséia para

mim, também por experiências pouco usuais, como esta minha experiência como comentador na SIC Notícias [*Malditas Segundas-Feiras*], que puxou um bocadinho mais por mim como artista pensante num conjunto de coisas, não só relacionadas com as artes, mas também com o próprio trabalho nas artes.

RMP: Conheço-te muito bem, sei o que fazes mesmo fora do ar [risos] e acho que és veemente, és claro nas tuas escolhas, e transportas isso para o teu trabalho. Quem te ensinou o rigor, foi a Fernanda Lapa?

MM: A Fernanda Lapa foi quem me levou para o teatro e tenho de lhe agradecer muito por isso. Acho que esta maneira de estar rigorosa, de querer fazer bem, de aparecer a horas, vem, provavelmente, do meu pai, e da minha mãe também. Eles sempre nos disseram que podíamos fazer o que quiséssemos, mas tínhamos de fazer bem e de cumprir, não deixar ficar mal os outros. Talvez as primeiras experiências que tive como ator profissional tenham sido com pessoas que impunham naturalmente um respeito por aquilo que estávamos a fazer. Por outro lado, aquilo a que chamas de veemência, considero que é uma qualidade, mas ao mesmo tempo, também me restringe muito, porque sou uma pessoa que encontra soluções depressa.

RMP: Uma forma.

MM: Uma forma e uma fórmula, que me são intuitivas, mas que por vezes sinto que são as mais fáceis, ou que se as encontro depressa, instalo-me ali, porque acho que está confortável e certinho, e ser certinho, que é uma característica que as pessoas me atribuem muito, que nem em todos os parâmetros da minha vida corresponde à realidade...

RMP: Sabemos! [risos]

MM: Que também já tinha na escola, sem que isso significasse necessariamente ser um excelente aluno, mas sempre gostei de cumprir, de encontrar uma fórmula que resulta e isso é



bom, porque ganhas algum respeito por parte das pessoas com quem trabalhas, têm gosto em trabalhar contigo e eu sinto isso, sem falsas modéstias. Mas às vezes, no resultado artístico da coisa, acho que...

RMP: Pode ser uma camisa de forças.

MM: Sim. Há pessoas que demoram muito mais tempo a encontrar respostas, mas quando as encontram são muito mais ricas, porque fizeram um percurso muito maior até lá chegar. A Mónica Garnel [encenadora] insiste muito nisso. Nas primeiras semanas, o trabalho com ela deixava-me um bocado nervoso, ela não gosta de soluções fáceis e rápidas, insiste sempre para que faças um percurso muito mais longo, e tudo isso vai levar a algo muito mais rico.

RMP: Tens 41 anos – diria que pareces 32 [risos] – começaste aos 17, já tiveste várias formas de abordagem ao longo da tua carreira. Qual foi para ti a maior dificuldade neste processo?

MM: A maior dificuldade foi perceber o que é que a Mónica Garnel pretendia, não só em termos do registo geral da peça, mas também a densidade emocional e de verdade que ela pretendia que o espetáculo tivesse, que quando li o texto do Hugo [van der Ding] e do Martim [Sousa Tavares] não encontrei.

RMP: Achaste que era uma coisa mais do estilo *restoration drama*, século XVIII, muito absurda?

MM: Sim, para mim era uma comédia que tinha algumas cenas muito engraçadas, achei que se eu e os meus colegas encontrássemos o registo certo, ia ficar muito engraçado, de chorar a rir, e estava feito. Para mim era suficiente. Não que o texto do Martim e do Hugo não tenha uma verdade e que os personagens não tenham intenções, mas numa primeira leitura, o que me saltou à vista foi a comédia. Talvez por ser muito amigo do Hugo há muitos anos e conhecer tão bem o humor dele, e na primeira leitura que fizemos estávamos todos juntos com ele ao lado, a rir muito, deixei-me levar por esse lado cómico, intuitivo. O que me tocou diretamente foi esse humor. A dificuldade nas primeiras semanas foi não perceber exatamente que densidade extra ou que outro tipo de cenas é que a Mónica queria acrescentar. Andei um bocado perdido com isso e também com o facto de, para aí até à penúltima semana de ensaios, as movimentações terem sido quase cem por cento improvisadas. Isso assusta muito.

RMP: Isso para ti, que gostas de matemática de palco... [risos]

MM: Não sou fã daquela matemática do encenador que chega com a coisa escrita no caderno, *agora vais para ali e depois sai-te meia lágrima na fala X*, isso não me diz nada, mas sou uma pessoa que gosta de saber com o que conta, que sabe o que vai ter de fazer e que vai tentar fazê-lo o melhor possível, independentemente de cada noite ter uma magia diferente. A ideia de haver um espetáculo em que estão oito pessoas em cena, a andar cada uma para seu lado e, um dia o José Neves vai cruzar a cena de uma maneira que eu não estava à espera, e se calhar não vou conseguir resolver e vou chocar, isso não me apetecia nada.

RMP: E cai-te a peruca, não queremos que aconteça! [risos]

MM: Já caiu, três ou quatro vezes! [risos] Mas tem graça e neste espetáculo esse tipo de coisas são permitidas. Claro que depois arranjou-se ali uma fórmula que, no final, não é tão improvisada assim, mas que dá uma liberdade para o espetáculo ser diferente em cada uma das cidades onde vamos, e claro que adoro isso.

RMP: Esta Odisseia Nacional percorrerá, ao longo deste ano, mais de 90 municípios, e vocês já fizeram vários espetáculos,



Avenida Q, encenação de Rui Melo © Filipe Ferreira

aliás, fizeram um espetáculo com 1000 pessoas a ver?

MM: Em Coimbra, tivemos 1200 pessoas a ver, o que foi incrível. O Convento de São Francisco é uma sala espetacular, com uma plateia bastante inclinada, o que faz com que todo o público, mesmo aquele que está mais para trás, esteja muito próximo de nós. É uma sala muito bem equipada, confortável e bonita, foi uma experiência linda. Nas outras cidades também tem sido. Já passamos por salas com tamanhos diferentes e a experiência é sempre única, é muito giro por causa disso.

RMP: Tendo esta noção de que coisas diferentes falam para públicos diferentes, sentes que as pessoas não reagem às referências da mesma maneira nos sítios todos, ou achas que é uma coisa mais transversal? Até porque tens um momento muito engraçado no espetáculo, um bocado longo até, em que convocas várias referências, desde músicas a frases emblemáticas.

MM: Uma coisa que me tem dado alegria é que as pessoas têm reagido muito bem a essa cena. Não querendo *spoilar* muito para quem ainda não viu, nesse momento faço uma espécie de audição. É muito engraçada a história de como essa cena apareceu. Quando fizemos a primeira leitura, o Hugo e o Martim perceberam que o meu personagem tinha menos texto, e como é o único na peça que é verdadeiramente ator, escreveram uma grande audição para eu fazer. Pela vontade do Hugo, teria cenas comigo a ser puxado por cabos e a levantar voo e tal [risos], mas numa *tournee* destas é difícil de fazer. Talvez quando formos para o Nacional [D. Maria II] seja possível. Acabei por ter esta oportunidade tão divertida, de experimentar, num espaço de quatro ou cinco minutos, uma data de coisas anacrónicas, fora do tempo em que a peça realmente se passa, e as pessoas reagem muito bem. Claro que nuns dias reagem mais a umas coisas, noutros reagem a outras, mas é sempre um momento em que se divertem muito. Nas primeiras duas cidades estava muito nervoso, fiquei com a boca seca, que é de tu saberes que vais ter um momento específico no espetáculo que é o teu grande momento e esse momento está a aproximar-se.

RMP: Ainda ficas muito nervoso?

MM: Fico muito nervoso, não gosto de estreias, o que é uma estupidez, porque não vais saber muito melhor, nem muito pior, o que fazer, do que sabias no dia antes, ou no dia a seguir. Só que há uma pressão por ser o primeiro dia, mostras o espetáculo a muita gente. Felizmente, já se ganhou mais o hábito de se fazer ensaios com público, o que já me ajuda bastante. Fico mais nervoso com as estreias hoje em dia do que quando era miúdo e me estreei no Nacional com a Fernanda Lapa.

RMP: O que significa para ti estar de volta ao Nacional? Neste regresso que é um regresso diferente, porque estás a passear pelo país.

MM: Como pessoa que nasceu e cresceu em Lisboa, que sempre quis fazer teatro e sempre quis ser ator, passar à frente do Teatro Nacional era sempre aquela sensação de imponência e de respeito, de querer imenso explorar o que é que acontecia lá dentro. Sempre tive esse fascínio. Depois, tive sorte, na primeira série de televisão que fiz entrava a Fernanda Lapa, que três ou quatro anos depois ia fazer um espetáculo no Nacional e precisava de um miúdo. Lembrou-se de mim, ela e a Isabel Medina, porque era o último miúdo com quem tinham trabalhado, e tive a felicidade de estreiar na Sala Estúdio, faz este ano, precisamente, 20 anos.

RMP: Faz? Não sabia!

MM: Há vários *full circle moments* neste regresso ao Nacional. Estreei-me lá faz agora 20 anos, no ano em que sou convidado para esta grande Odisseia Nacional. Também foi na Sala Estúdio que fiz o meu projeto final do Conservatório, um momento muito importante para mim, que adorei fazer no Nacional e que foi dirigido pelo Pedro Penim, que agora está à frente do teatro enquanto eu estou na Odisseia. Estão aqui algumas coincidências bonitas, que têm dado um gosto ainda mais especial a esta Odisseia. E, se for possível acontecer, estamos cheios de vontade para quando o teatro reabrir fazermos isto na Sala Garrett, onde nunca trabalhei. Já trabalhei outras vezes no Nacional, já fiz espetáculos com a mala voadora, mas ainda me falta esse *check* na minha *bucket list*.

RMP: Qual é a importância de um teatro nacional estar aberto para o mundo, tendo uma lógica de representatividade, não só queer, mas de todas as origens?

MM: Apesar de não ter sido o Pedro Penim a começar esse esse trabalho do zero, já houve outros diretores que, de alguma maneira, tentaram que houvesse mais representatividade (sobretudo por parte do Tiago Rodrigues) acho que será uma das várias marcas que o Pedro Penim deixará deste seu mandato, esta vontade de abrir o Nacional a vozes diversas. É um bocado estranho pensarmos que o Teatro Nacional tem quase dois séculos de existência e só em 2019 estreou um espetáculo de três autoras negras, *Aurora Negra* [Cleo Diára, Isabel Zuaa e Nádia Yracema], o que nos deixa a pensar no quão recente é esta preocupação, mas também no quão recentes são as oportunidades.

RMP: Quando estás em palco a interpretar uma personagem queer ou gay, como neste espetáculo, ainda pensas nisso como um exercício de representatividade e de cidadania, ou achas que já estamos para lá dessa conversa? Isto porque esta peça vai a sítios onde este tipo de questões ainda é um tema, eu e tu falamos sobre isto muitas vezes, há muita homofobia e transfobia em Portugal, daí a minha pergunta: o que significa para ti interpretares um personagem que está apaixonado por um homem?

MM: Não sei se é bom ou mau isto que vou dizer, mas não foi uma coisa na qual pensasse minimamente quando li o texto e quando começámos a trabalhar nele. Se, por um lado, penso e falo muito sobre a importância de haver personagens queer e de ocuparmos não só o espaço público, como o cultural, por outro, quando me aparece um personagem homossexual para fazer e como essa é a minha condição pessoal, verdadeira, não é uma coisa na qual tenho de investir tempo. Nesta produção específica, estava preocupado em descobrir os códigos do espetáculo como um todo, mas claro que quando falas nisso, reconheço que para algumas pessoas, ou até para miúdos homossexuais que vão ver o espetáculo, se calhar há ali um reconhecimento importante.

RMP: Há um elo.

MM: Sim. Há vários personagens na peça que têm dúvidas existenciais, dificuldades e objetivos, e um dos objetivos do meu personagem é ser amado e correspondido por aquele homem por quem está apaixonado e com quem tem um caso, mas que não é correspondido, é uma relação abusiva. Esse desejo é tão importante como os desejos dos outros todos, é tratado com a mesma importância, nem mais nem menos. Podia ter mais, se o objeto central da peça fosse esse.

RMP: Mas não é lateral, não é?

MM: Não é nem lateral, nem visto só como um objeto cómico. Apesar de estarmos quase sempre a fazer comédia neste espetáculo, é mais um dos desejos, dos vários conflitos que estão ali expostos e todos têm a mesma importância. Estou a pensar nisso, se calhar pela primeira vez agora, nesta conversa, mas é realmente uma coisa muito importante. Quem me dera ter visto imensos textos, cómicos ou dramáticos, quando era miúdo, em que as nossas vivências queer e as nossas maneiras de estar fossem tratadas com o mesmo respeito das dos outros.

RMP: O que é que aprendeste mais sobre ti neste espetáculo?

MM: Como ator, entreguei-me muito a essa tal ideia que a Mónica nos pedia, para não irmos para um sítio tão óbvio, para nos desafiarmos todos os dias. Não sei se por aquilo que falava há pouco, de estes últimos dois ou três anos terem sido um ponto de viragem para mim, sinto que estou no trabalho de uma forma mais relaxada, no sentido em que consigo desfrutar mais destas oportunidades para me divertir, para ser mais solto. Aprendi a confiar mais nessa liberdade. Se o encenador está a querer impor uma liberdade, é porque confia em nós. Também tenho de confiar que não tenho de fazer as coisas tão certinhas e este espetáculo deu-me alguma confiança nesse sentido. De resto, esta experiência está a ser uma reafirmação daquilo que eu já sabia. Com a *Avenida Q* tive uma confirmação, que continuo a acreditar cada vez mais: se não te estiveres a divertir e a amar as pessoas com quem estás a trabalhar, no dia em que esse espetáculo acabar, o espetáculo vai morrer. *Avenida Q* vive em mim, viverá sempre aquela alegria que nós tínhamos em manipular aqueles bonecos todos juntos, e a alegria de ir para aquele espetáculo e de estar com aquelas pessoas que são minhas amigas. Isto não quer dizer que aquilo seja só uma diversão, continuo a olhar para as coisas com respeito e com uma vontade de fazer bem.

RMP: Há alguma frase que adores no espetáculo?

MM: Há uma cena que gosto muito de fazer – não sei se é a que mais gosto de fazer, pode parecer quase injusto, como tenho aquela “cenaça” da audição – mas eu e o João Vicente temos uma cena em que estamos dentro de uma caixa, o que é uma experiência intensa, porque é uma discussão com um texto com expressões mesmo muito cómicas, que a Mónica quis que fizessemos com muita emoção, ou seja, com a verdade de dois amantes que estão a discutir e um deles está a tentar impedir o outro de fazer um disparate que vai arruinar a sua vida. A experiência mais intensa para mim, mais até do que fazer aquela grande audição, é estar fechado dentro daquela caixa de vidro que é espelhada por dentro, portanto, eu e o Vicente não vemos nada...

RMP: Não vês para fora?

MM: Quando a luz incide, num momento ou noutro, vê-se, mas é como se estivéssemos fechados numa sala de ensaios mínima, toda espelhada. Estou sempre a ver a minha cara com a peruca que vai mudando de posição, umas vezes pareço o Brian May e outras pareço a Bárbara Branco no filme das Doce [risos]. E o Vicente diz-me coisas como “Eu apenas me servi

AGENDA

Espetáculo

O MISANTROPO

POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES A PARTIR MOLIÈRE

7 JUL · Teatro Faialense (Horta)

21 JUL · Teatro Angrense (Angra do Heroísmo)

de ti como um pica-pau usa um madeiro viçoso para afiar o bico. Como uma raposa usa as duas patas para afogar um ganso. Como um volantim usa as duas mãos para despentear um palhaço”. [risos]. E nós temos de fazer isto com uma fúria e uma tensão grandes. Acho que esse é o momento mais desafiante do espetáculo. Essa parte do texto, que não é meu, é do Vicente, acho que é a minha preferida.

RMP: O que é que queres levar deste ano e desta experiência para os teus futuros trabalhos, achas que há alguma coisa que vais herdar? Espero que alguma peruca.

MM: Eu adorava herdar a minha peruca!

RMP: Por acaso estou com alguma pena que não a tivesses trazido hoje.

MM: O que tem graça é que a minha peruca é muito parecida com aquilo que seria o meu cabelo, se ele crescesse [risos].

RMP: [risos]

MM: Está a ser um ano muito cheio, que me está a dar alento para fazer outras coisas. Já tenho um ou outro projeto, ainda abstratos. Se tudo correr bem, vou repor um espetáculo que fiz no Porto, em Dezembro do ano passado, que só teve duas apresentações, e que foi a primeira vez que fiz um solo, um monólogo, que se chama *Um DJ + Um microfone*. É uma criação do Pedro Coquenão, mais conhecido como Batida, DJ e criador musical, e onde estou a contar a história da vida dele, fazendo uma certa homenagem ao *clubbing*, à música *house* dos anos 90 e a alguns clubes por onde ele passou no seu percurso. Foi uma experiência intensa, que tem muita dança e muita música à mistura. Espero que consigamos reproduzir e trazer para Lisboa, e se pudéssemos andar com ele pelo país para o ano, seria ótimo. Estejam atentos, porque se isso acontecer, vou querer muito que as pessoas vejam.

RMP: Terás saudades de dizer “misantropo” no teu dia-a-dia e “pancadas de Molière”?

MM: É a primeira vez em 20 anos de teatro que oiço as pancadas de Molière e tenho imensa pena de não ser eu a dizer a expressão “misantropo de merda”, que é Ana Guiomar que diz no espetáculo.

RMP: Ficamos com esta linda imagem para fechar. Obrigado, Manel.

MM: Obrigado, eu.

A rubrica Primeira Pessoa tem o apoio do Grupo Ageas Portugal, Parceiro Principal do Teatro Nacional D. Maria II

grupo
ageas
portugal



João Vicente e Manuel Moreira em *O Misanthropo* – por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière, encenação de Mónica Garnel © Filipe Ferreira

SEMEAR FRUTOS, PROVOCAR ATOS. ASSIM VAI A ODISSEIA NACIONAL

Semeia Frutos nas escolas, provoca Atos de participação nas comunidades. Por cada região por onde vai passando, a Odisseia Nacional envolve comunidades escolares, estruturas artísticas, instituições, participantes curiosos, que se deixam desafiar. Nestas páginas, e para aguçar a curiosidade das ilhas, contamos como foi o *Parlapatório*, um dos Atos promovidos no Cine-Teatro São Pedro, em Alcanena, pela estrutura Cassandra, e o *Primeiro Andamento, Visita Encenada* a cargo da Plataforma285, no Teatro Aveirense.

Com uma grande diversidade de propostas, os Atos e Frutos seguem agora o seu percurso pelos Açores, onde o coletivo Discos de Platão vai desafiar participantes em Angra do Heroísmo, Horta e Ribeira Grande com *Canta conto conta*, e pela Madeira, onde o Coletivo Espaço Invisível vai desafiar o Funchal com *Solo*.

It grows Frutos [Fruits] in schools, it promotes Atos [Acts] of participation in communities. In each region it crosses, Odisseia Nacional involves school communities, artistic structures, institutions, curious participants who allow themselves to be challenged. In these pages, and to arouse the curiosity of the islands, we describe *Parlapatório*, one of the Atos promoted at Cine-Teatro São Pedro, in Alcanena, by the structure Cassandra, and *Primeiro Andamento, Visita Encenada*, by Plataforma285, at Teatro Aveirense.

Featuring a great diversity of proposals, Atos and Frutos will now carry on their journey through the Azores, where the collective Discos de Platão will engage participants in Angra do Heroísmo, Horta, and Ribeira Grande with *Canta conto conta*, and through Madeira, where the collective Espaço Invisível will challenge Funchal with *Solo*.



TEATRO E POLÍTICA EM UNIÃO POR TERRAS DE ALCANENA POR RAFAEL ASCENSÃO

O clima era abafado, de trovoada, bem contrastante com o ambiente descontraído e convidativo que se estendia às gentes alcanenenses e da região. O desafio era estimulante: “parlar” no âmbito do Parlapatório, iniciativa da estrutura artística Cassandra para o programa Atos, da Odisseia Nacional.

Neste *Parlapatório*, uma espécie de parlamento teatral, encontravam-se pessoas de todas as idades, destacando-se dois tipos: os que ainda não podem legalmente votar e os que ainda se lembram de não poderem votar. Mas, "minoridades" e "salazarices" à parte, o caldo preparou-se tendo por base dois ingredientes principais: teatro e política. É que colocarmo-nos no lugar do outro é um exercício tanto do teatro como da política.

Os temas em debate foram escolhidos de entre alguns já pré-selecionados pelos participantes, que iam desde um serviço nacional de saúde para animais, ao fim da idade limite para a adoção ou à abolição da pornografia. Os presentes eram desafiados a debater estes assuntos, não consoante a sua opinião, mas conforme a frase que constava num papel que lhes era entregue e que indicava como deviam começar a sua intervenção.

Todos os que subiram à sala superior do Cine-Teatro São Pedro, em Alcanena, foram convidados a participar, caso assim o entendessem. Sentados numa roda, quem não o quisesse fazer bastava puxar a cadeira atrás. Se a qualquer momento desejasse participar, bastava voltar a colocar-se dentro da roda. Sem julgamentos, sem explicações.

Dentro daqueles metros quadrados, todos têm a certeza de que estão a “salvo”, afinal podem contar com a “segurança teatral”. As ideias mais estapafúrdias, entre risos, eram tão legítimas como as mais razoáveis, sustentadas num tom mais sério. O pretendido era que os participantes fossem levados a sair da zona de conforto, de uma forma saudável, e a experimentar o contraditório, num lugar aberto à discórdia através do diálogo.

Em certas alturas, um observador externo não saberia diferenciar se estava perante um momento teatral ou político, em intervenções onde ora surgia um verdadeiro e inspirador discurso político à Winston Churchill, ora uma esplêndida representação teatral “à lá”, quiçá, Sara Barros Leitão ou Carlos Malvarez, coordenadores da iniciativa e da sessão.

Um dos objetivos do *Parlapatório* passa por compreender-se, através do teatro, que a discórdia faz parte da democracia. As diferenças de idade – e não só – levam a pontos tão coincidentes como distantes. Como explica Sara Barros Leitão, é importante “conseguir experimentar ideias, sensações e argumentários que à partida não são os nossos, para que possamos encontrar um mundo que seja também mais tolerante e em que o diálogo seja mais facilitado”.

Este Ato foi mais uma semente lançada, que pareceu determinada a germinar, se não pela chuva que se fez sentir, pelo menos pela abertura e excelente aceitação entre os participantes.



PRIMEIRO ANDAMENTO: DESORIENTAR OS MIÚDOS PARA IREM AO TEATRO

POR MARIA INÊS SANTOS

“Aqui não há senhores, o meu nome é André.” A frase é dita no arranque de *Primeiro Andamento*, o primeiro de seis percursos encenados no Teatro Aveirense (TA), orientados pela Plataforma285, que foi desafiada a fazer uma visita guiada por vários teatros no território nacional e resolveu montar uma viagem de desconstrução de um teatro, enquanto edifício, exercício e lugar de reflexão.

Quem a diz é André Loubet, como quem assegura à criança a quem se dirige que aquele é um teatro em que as pessoas têm nomes, aberto a todos, onde embora aconteçam muitas coisas, não há lugar para esse tipo de cerimónias. O que vamos conhecer daí para a frente é um teatro sem barreiras, que fala com crianças e adultos sobre as questões que fazem comichão no mundo de hoje.

A turma entra, ordenada por pares, desmantelados imediatamente para criar espaço para alguma desordem assim que Cecília (Henriques) e André iniciam um discurso descomprometido e entregam a cada um deles uma lanterna: para verem bem onde põem os pés e para verem bem como é um teatro por dentro. É-lhes dito que há um bicho do teatro e que pode aparecer a qualquer momento. É tímido e, caso o vejam, o ideal será dizerem-lhe olá e seguirem como se nada fosse. Devia ser assim sempre, irmos ao teatro mesmo quando sabemos que nos pode aparecer algo que não sabemos com o que se parece.

Estamos na plateia do auditório do Teatro. No palco, monta-se a cenografia do espetáculo *Casa Portuguesa*. Acenamos ao técnico Paulino que, numa grua, verifica as lâmpadas que vão iluminar o sábado seguinte. Quando vamos a um espetáculo vemos os atores, mas quem faz com que tudo aquilo aconteça? Enumeram-se funções. Um dos alunos sugere fantasma como profissão. A verdade é que dá muito trabalho ficar para sempre.

Subimos e, já nos escritórios envidraçados do edifício do TA, onde está a acontecer uma reunião de direção, encontramos quatro papéis: produção, serviço educativo, comunicação,



Primeiro Andamento, Plataforma285 © Joana Magalhães

programação. Cecília diz-nos, já depois do percurso, que era preciso mostrar um teatro para além da ditadura do texto, da encenação. Humanizar o espaço e a ideia de teatro.

O percurso segue até aos camarins, que antigamente eram de diferentes tamanhos, tudo dependia do prestígio atribuído aos artistas, algo que a passagem do tempo viria a mudar: é que nenhuma pessoa é mais importante que outra. Todos os camarins devem ser iguais. E é precisamente aí que nos dizem que todos somos diferentes e que, no teatro - e fora dele também - muitas vezes, os figurinos querem dizer muitas coisas. Calças, saias, roupas compridas, roupas curtas, as cores da roupa ou a sua ausência, tudo é uma escolha. E outra coisa importante: não há roupa de menino e roupa de menina. Há roupa. E ainda outra: o teatro é mesmo muito parecido com a realidade, tanto que às vezes parece que só estamos a fingir para poder dizer a verdade.

Entramos, já no último andar, numa sala com a palavra sorte, grande, no meio do ar. Sentamo-nos para ver aquele que será o último ato: um videoclipe protagonizado e realizado pelos alunos que improvisam uma cena digna da odisséia em que participam, com máquinas de fumo, um barco de borracha, um *follow spot* e uma máquina de neve, em que um grupo de amigos parte em busca do paranormal, enfrenta todo o tipo de intempéries, encontra um fantasma, dança e, no final, ninguém sabe se foi tudo um sonho ou se foi mesmo real.

No meio da festa, Cecília, que vai dando as indicações para que o vídeo aconteça, ordena: “sai toda a gente de cena menos os amigos”.

Dentro e fora do teatro, a sorte grande - ali pendurada - será realmente essa. Que os amigos fiquem. Estamos todos eufóricos quando termina. A professora deste grupo, que ficou sem espaço de armazenamento no telemóvel diz, com algum alívio, que isto não é bom só para os miúdos. Até ela ficou com vontade de ir mais vezes ao teatro.



André Loubet, da Plataforma285, em *Primeiro Andamento*, no Teatro Aveirense © Joana Magalhães

PÚBLICOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS

POR MARIA VLACHOU

Maria Vlachou é consultora em Gestão e Comunicação Cultural, tendo já passado pela comunicação do São Luiz Teatro Municipal e pela comunicação do Pavilhão do Conhecimento. É também autora do blogue *Musing on Culture* e membro do Conselho Consultivo do Solidarity in Action Network. Mas é enquanto membro fundador e Diretora Executiva da Acesso Cultura, associação que promove o acesso – físico, social e intelectual – à participação cultural, que a Ítaca desafiou a Maria a escrever sobre *Públicos com Necessidades Específicas*. Este é o título da formação orientada pela Acesso Cultura no contexto do programa de formação Nexos, da Odisseia Nacional, que pretende criar ligações através da partilha e do conhecimento e, assim, contribuir para a capacitação dos setores da cultura e educação portugueses. Esta formação viaja agora para os Açores e para a Madeira, onde terá lugar no dia 12 de julho, no Teatro Micaelense, Ponta Delgada, e no dia 20 de setembro, no Teatro Nacional Baltazar Dias, Funchal.

Maria Vlachou is a consultant in the field of Cultural Management and Communication, and has worked in the area of communication at São Luiz Teatro Municipal and Pavilhão do Conhecimento. She is also the author of the blog *Musing on Culture* and a member of the Advisory Board of the Solidarity in Action Network. But it is as a founding member and Executive Director of Acesso Cultura, an association that promotes physical, social, and intellectual access to cultural participation, that Ítaca challenged Maria to write about *Audiences with Specific Needs*. This is the title of the training course led by Acesso Cultura within the context of the Nexos training programme of Odisseia Nacional, which aims to create connections through exchange and knowledge and thus contribute to the empowerment of the Portuguese culture and education sectors. This training project is now travelling to the Azores and Madeira, where it will be held on 12th July at Teatro Micaelense, Ponta Delgada, and on 20th September at Teatro Nacional Baltazar Dias, Funchal.

A linguagem muda em função da nossa mentalidade. E a nossa mentalidade reflecte-se na nossa linguagem. Nos últimos anos, a expressão “pessoas com necessidades especiais” veio sendo substituída por “pessoas com necessidades específicas”. O que revela esta mudança?

Devemos admitir que na nossa cabeça o “especial” estava associado ao “coitadinho”, uma pessoa que teve o infortúnio de ter uma deficiência. De acordo com o modelo médico da deficiência, que ainda influencia muito a forma como vemos a deficiência, esta – a deficiência – era o problema central, que todos nós, como sociedade, procuraríamos “resolver”, se possível “curar”, pelo menos “atenuar”, através de uma série de serviços “especiais” para pessoas “especiais”.

Nas últimas décadas, a luta das pessoas com deficiência ajudou a moldar uma outra forma de pensar: o modelo social da deficiência. Sim, temos um problema central: temos uma sociedade que exclui. Uma sociedade que todos os dias toma decisões, implementa planos, organiza o espaço onde deveríamos conviver (espaço pessoal, profissional, comunitário; espaço de educação, de cultura, de lazer), mas de uma forma que exclui a presença e participação de diversas pessoas. Uma sociedade que não leva em consideração a diversidade humana e as necessidades específicas de diferentes pessoas.

O modelo social da deficiência não coloca o ónus na pessoa com deficiência, o problema não é “dela”. O modelo social da deficiência coloca o ónus em todos nós (pais e mães, amigos, colegas, vizinhos e até desconhecidos). É urgente ganharmos consciência da diversidade humana (todas as maneiras pelas quais as pessoas são diferentes e iguais, a nível individual e de grupo), criarmos condições de acesso (eliminar barreiras físicas e de comunicação), criar ambientes inclusivos (onde cada pessoa se possa sentir psicologicamente segura). Tudo isto tendo como ponto de referência não, propriamente, a igualdade de oportunidades, mas sim, a equidade. Quando como pessoas somos tão diversas, termos acesso às mesmas oportunidades poderá resultar em injustiças. A equidade é o tratamento justo de todas as pessoas, é reconhecer as necessidades específicas de cada uma e providenciar de acordo.

No contexto das artes performativas, a diversidade, o acesso, a inclusão e a equidade são factores a considerar em diferentes contextos: no público, nas equipas, nos colaboradores e nos artistas. As organizações culturais em Portugal têm investido nos últimos anos – algumas, ainda poucas – na relação com o público. Os teatros fornecem serviços de interpretação em Língua Gestual Portuguesa e Audiodescrição; alguns proporcionam também sessões descontraídas; poucos (dois?) têm anel magnético, que cria melhores condições de acesso ao público que usa aparelhos auditivos; praticamente nenhum – a não ser, talvez, muito pontualmente – fornece legendagem em português para peças em português (excluindo não apenas as pessoas com deficiência auditiva, que não são poucas, mas também pessoas cuja primeira língua não é o português).

No âmbito desta relação com o público, devemos também assinalar o crescente interesse, nos últimos anos, dos artistas em experimentar com a Língua Gestual Portuguesa e dar-lhe um outro lugar dentro das suas criações, que não apenas aquele do serviço à parte. O mesmo poderá vir a acontecer com a audiodescrição, algo que já se vê no Reino Unido.

A diversidade existe igualmente entre os membros das equipas, colaboradores e artistas. Mas não existem necessariamente condições de acesso e espaços verdadeiramente inclusivos nos gabinetes, nos bastidores, nos camarins, no palco. É preciso, é urgente, darmos maior atenção a este aspecto do nosso trabalho e à falta de condições que resulta na exclusão – ou então numa “inclusão” angustiante, desgastante e humilhante – de vários profissionais. O nosso desconhecimento sobre estas matérias é ainda enorme – como veio provar o relatório “Time to Act: how lack of knowledge in the cultural sector creates barriers for audiences and artists with disabilities”. Temos de agir sobre esta ignorância.

Nota: Este texto é escrito ao abrigo do antigo acordo ortográfico.



Graça Santos, espectadora assídua do Teatro Nacional D. Maria II © Filipe Ferreira

À DESCOBERTA DO OUTRO LADO DA HISTÓRIA

FOTOGRAFIAS DE IDALÉCIO FRANCISCO

Descolonizar o ensino do período histórico designado como descobrimentos. O espetáculo direcionado ao público juvenil *descobri-quê?*, que já percorreu Norte e Centro, avança agora para a Madeira para continuar a questionar a narrativa única sobre o passado colonialista português. Em Leiria, convidámos o fotógrafo Idalécio Francisco para acompanhar os bastidores do espetáculo e a preparação dos atores Joyce Souza, Tiago Jácome e Waldju Kondo.

Decolonising the teaching of the historical period designated as the discoveries. The show *descobri-quê?*, aimed to appeal to a younger audience, has already toured the North and Centre of Portugal, and is now moving on to Madeira so as to continue questioning the common narrative about the Portuguese colonialist past. In Leiria, we invited photographer Idalécio Francisco to follow the backstage of the show and the preparation of actors Joyce Souza, Tiago Jácome, and Waldju Kondo.







**3
1**



BASTIDORES

Tiago - Mas espera lá... Não podes mudar a orientação do mapa.

Waldju - Não, porquê? Vivemos num globo suspenso no Universo. Não há cima e baixo! Depende sempre de onde estamos a observar.





OS MEUS LUGARES

OS AÇORES DE JESSE JAMES

E A MADEIRA DE BERNARDO DE LACERDA

Tendo como inspiração o espetáculo *Viagem por mim Terra*, de Venâncio Calisto, em cada Ítaca convidamos diferentes pessoas para nos falarem das suas viagens pelas suas terras. Neste número, dedicado aos Açores e à Madeira, Jesse James, diretor artístico da Bienal walk&talk e do espaço cultural vaga, e Bernardo de Lacerda, ator e assistente de encenação, vão conduzir-nos pelos seus lugares de eleição nas suas ilhas. Vamos?

Inspired by Venâncio Calisto's show *Viagem por mim Terra*, in each edition of Ítaca we invite different people to tell us about their journeys through their homelands. In this issue dedicated to the Azores and Madeira, Jesse James, the artistic director of the walk&talk Biennale and the cultural venue vaga, and Bernardo de Lacerda, an actor and assistant director, will lead us through their favourite spots on their islands. Let's join them!

OS LUGARES DE JESSE JAMES

Nasci em Vancouver, no Canadá, mas sou dos Arrifes, uma freguesia nos arredores da cidade de Ponta Delgada, São Miguel. Sou neto da diáspora açoriana, o que me fez consciente dos limites da ilha, mas igualmente atento às suas ligações com o mundo.

Faço muitas listas-mapas para amigos e amigos de amigos. Apesar de ser da ilha e de ter crescido nela, o walk&talk ajudou-me a descobrir lugares e a resignificar outros para construir um novo mapa de afetos, que da partilha se faz coletivo. Os meus lugares vêm desse mapa.

FERRARIA

Os meus lugares na ilha estão por norma nos seus limites. Gosto da sensação de início, de encontro, de continuidade. Do além, do que sinto e não vejo. Da expansão e do movimento. A Ponta da Ferraria tem essa energia primordial. Vulcânica. Terra-mar. Na Ferraria, há uma fonte hidrotermal que aquece a água do mar, e onde flutuamos agarrados a cordas que se movem com as ondas. Uma noite, fomos nadar durante a maré baixa, enquanto ouvíamos a assembleia de cagarros à nossa volta e passava o cometa PanSTARSS a 270 milhões de quilómetros. Lugar-cosmos.

Na Ferraria, está também uma das minhas peças preferidas do walk&talk: *A House for Ferraria* (2017), de Teresa Braula Reis. Uma casa-possibilidade.

COZIDO DAS FURNAS

Piqueniques à beira da estrada, num parque de merendas ou miradouro são um clássico nos Açores. Na primeira edição do walk&talk (2011), levamos os artistas a comer um cozido das Furnas, preparado pela Sra. Helena e cozinhado pelos vapores da terra durante seis horas. Ao longo dos anos, este piquenique-cozido junto à Lagoa das Furnas tornou-se central no programa e acabou por traduzir muitas das relações que o walk&talk tenta estabelecer. De espírito comunal, cada pessoa é convidada a contribuir com algo: pão, ananás, kima, uma *playlist*, um baralho de tarot ou mantas para uma sesta. Coletivos temporários para nos fazer imaginar.

VAGA

Há 12 anos que criamos (enquanto associação) espaços queer em São Miguel: primeiro com o walk&talk e artistas, projetos e ideias que juntámos, e agora com a vaga. Lugares de presença e visibilidade que têm gerado abertura e diálogo, e ajudado a mudar perceções e a moldar o discurso das gerações mais jovens. Não tive acesso a isso como pessoa queer a crescer na ilha, e fico muito feliz por contribuirmos para a sua construção agora e para o futuro. A vaga é uma oportunidade de pensarmos a “instituição cultural” e a forma como existe e se relaciona com o território. É um lugar de assembleia e de encontro que procura apoiar e facilitar as dinâmicas artísticas e culturais da ilha, ano-todo. A vaga é oficina, galeria, casa, escola, restaurante, salão de jogos, pista de dança, cinema e bar. É o que quisermos.





vaga durante o Dia Internacional de Luta contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia © Tânia Moniz



Piquenique nas Furnas durante o festival walk&talk © Sara Pinheiro

OS LUGARES DE BERNARDO DE LACERDA

CLUBE NAVAL DO FUNCHAL

Viver numa ilha é algo que muitos podem desejar, mas crescer numa pode não ser tão fácil como parece. Existe sempre uma sensação de enclausuramento. A estrada tem sempre um fim e a variedade de pessoas é limitada. Sempre soube que não viveria para sempre na ilha em que nasci e cresci, e o principal portal que encontrava para esse pensamento era o mar. O mar dava-me, e dá, uma sensação de pequenez, não uma que diminuísse o meu espírito, mas algo que me incitava a querer qualquer coisa que se assemelhasse a um apogeu de liberdade. Sempre que volto à Madeira, a primeira coisa que faço é ir nadar, é sempre aquilo do qual tenho mais saudades e não há nada como o mar que rodeia o arquipélago. A praia a que fui, e sempre vou, é o Clube Naval do Funchal.

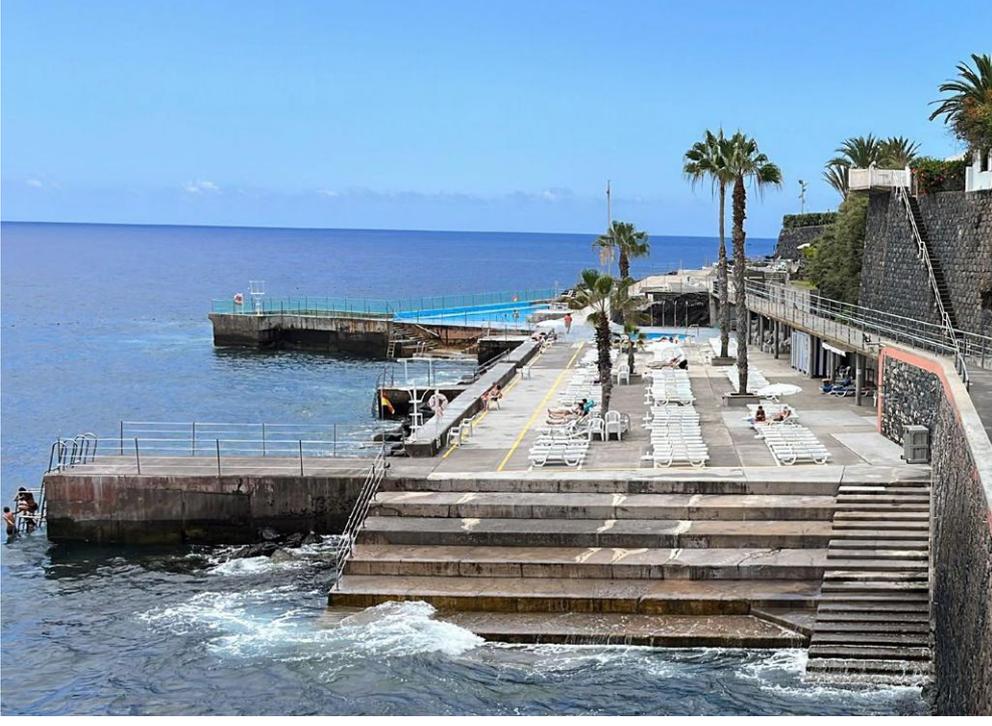
GOLDEN GATE

Golden Gate é um daqueles cafés míticos no Funchal. É já muito antigo e está no coração da cidade. Durante a minha adolescência, este espaço foi transformado numa discoteca e foi para lá que saí muitas noites com os meus amigos. Beije, cantei, dancei e caí muitas vezes neste espaço. Eventualmente, o espaço fechou e voltou, mais tarde, a ser um café onde todos os turistas param. Óptimas memórias tenho neste espaço.

PORTO SANTO

PORTO SANTO!!! É o segredo mais bem guardado de Portugal, sem dúvida. Nove quilómetros de areia dourada e uma paz que só encontramos ali. Todos os madeirenses passam parte das suas férias de verão no Porto Santo, principalmente no mês de agosto. Tendo uma casa de férias lá, passei muitos verões a comer as eternas “lambecas”, a sair à noite nas antigas docas, a comer as lapas na praia do Henrique e também as sandes de escabeche de polvo. Passei muitas vezes até ao cume do Pico de Ana Ferreira, ao miradouro das Flores e a minha cadela, Bonnie, adora o Porto Santo.

Clube Naval do Funchal ©Bernardo de Lacerda



Bonnie no miradouro das Flores, Porto Santo ©Bernardo de Lacerda



Café Golden Gate ©Bernardo de Lacerda

DO TEATRO AO NÍVEL DOS OLHOS AOS TRAJETOS DE APROXIMAÇÃO

POR PATRÍCIA SILVA SANTOS

Passados seis meses, a Odisseia Nacional saiu do papel das intenções, dos múltiplos mapas organizativos, e é habitada pelas pessoas, de dentro e de fora do D. Maria II, mais de dentro do que de fora da cena artística. É composta por quadros de interação e lógicas de relação múltiplos, do institucional ao pessoal, do presencial ao virtual, do responsivo ao orgânico. Movimenta-se por contactos, aproximações, algumas cumplicidades, palavras ditas na hora errada, com tendência para desbloquear ideias preconcebidas mútuas: sobre o Teatro Nacional D. Maria II e a sua equipa, sobre o território, a polifonia de expressões culturais, de organizações e de equipas.

After six months, Odisseia Nacional is no longer just on paper, intentions, and multiple organisational spreadsheets. Instead, it is inhabited by people from inside and outside the D. Maria II Theatre, more so inside than outside the art scene. It is composed of a variety of interaction frameworks and relationship approaches, ranging from the institutional to the personal, from the on-site to the virtual, from the responsive to the organic. It moves through contacts, closeness, a few intimacies, words said at the wrong time, prone to unblocking mutual preconceived ideas about D. Maria II National Theatre and its team, about the territory, the polyphony of cultural expressions, organisations, and teams.

“As instituições deixam de ser de pedra e passam a ser pessoas”, reforça(-me) Luís Sousa Ferreira, adjunto da nossa Direção Artística. Na sua ambição, dimensão, heterogeneidade de envolvidos, a Odisseia Nacional tem sido um projeto de risco (real ou pressentido). Convocado por imprevistos, mobilizado por opiniões múltiplas, possibilitador de ousadia em alguns territórios (“é coisa do D. Maria”), insustentável nos quilómetros percorridos. Pelo caminho tem sublinhado a desigualdade das posições territoriais e do poder simbólico na cultura, esbatendo a ideia de estabilidade conceptual das palavras usadas rotineiramente. São disso exemplos o conceito de mediação que se multiplica por variados significados e o aprisionamento a determinadas significações de “legado”.

FAZER PERGUNTAS COMO EMBLEMA

Fazer perguntas é um dos emblemas de uma programação que se recusa a ser monolítica. Ora porque, no programa Frutos, a oficina de teatro para alunos e alunas do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, em Barrancos, está a ser planeada em jeito de pergunta; ora porque, no programa Atos, no Sardoal, o projeto *Assembleia*, da Amarelo Silvestre, baseou-se no processo de perguntar. Já para não falar da exposição que tem no título uma pergunta – *Quem és tu?* – e que, em Águeda, Caldas da Rainha e Viseu, beliscou cruzamentos inusitados de histórias-estórias. As perguntas têm encurtado, ainda, a relação entre artistas e espectadores ao longo destes meses. No espetáculo *descobri-quê?* (Peças), em Santa Comba Dão, Seia, Ovar e Leiria, mostraram-se crenças e presunções destabilizadas ou desestabilizadoras, abriu-se espaço ao serviço da diversidade de formas de falar o que pensamos, de sentir em voz alta: “ainda há escravatura?”, “de que clube são?”.





Oficina de Teatro, Bragança © João Versos Roldão

MICROTRANSFORMAÇÕES E MACRODETERMINISMOS

A vitalidade da Odisseia Nacional vem também do conjunto de reações e ricochetes. Trata-se, sobretudo, de microtransformações, mais ou menos intensas, ainda não sabemos se duradoras, que são impulsionadas por uma panóplia de experiências culturais. A visita encenada *Primeiro Andamento*, que trouxe teatro ao nível dos olhos (Manscher & Jankovic, 2010) a crianças do 1.º ciclo do ensino básico, em Aveiro e Albergaria-a-Velha, situando-as como espectadores ativos que desvendam camadas de ilusão e de realidade, descodificam a encenação e a técnica, envolvem-se através da imaginação (Frutos). O renovado orgulho, em paralelo com o olhar crítico sobre os contraditórios, que rodeiam Castelo Branco e os participantes no projeto *Nós, quem somos?* da ondamarela. Partir de princípios abstratos para discussões – às vezes mais reais, às vezes mais ficcionadas - que podem ter dado lugar a uma cidadania participada no projeto *Parlapatório*, da estrutura Cassandra, em Alcanena e Miranda do Corvo (Atos). O espetáculo *Outra Língua* que, em Pombal, Estarreja e Torres Novas, mostrou a arte e o ativismo social e político a andar de mãos dadas. A conversa com o dramaturgo Pavlo Yurov de *Silence, Silence, Silence, Please* que contrariou a ideia de que a arte vive numa bolha, no Teatro Académico de Gil Vicente (Peças).

Dirigindo-se a diferentes segmentos e pessoas que vivem no território, a Odisseia Nacional pretende ser insubmissa aos determinismos estruturais das instituições culturais (incluindo do próprio Teatro Nacional D. Maria II) e do país. Estamos longe de o conseguir. Neste trajeto, a cultura é ainda espaço que cria distâncias, que exclui, marcado por fenómenos estruturais multidimensionais. Estes meses, incluindo o nosso momento de *slow theater* – *Cenários Presentes*, em Torres Vedras – permitiram questionar e debater tais distâncias e aproximações, não uniformes, nem sempre continuadas.



TRAJETOS DE APROXIMAÇÃO AOS JOVENS

É comum encontrar entre o D. Maria II e as organizações culturais e municipais parceiras uma inquietação sobre a participação dos jovens na cultura. Os dados da Odisseia Nacional confirmam que os jovens espectadores vão menos ao teatro do que os espectadores em geral (45% vai “1 ou 2 vezes por ano”, 13% “nunca”), sobretudo se forem rapazes (a diferença é de cerca de 30% em relação às raparigas). 2% dos jovens espectadores são não-binários. As práticas culturais não são imunes aos recursos materiais, sociais e simbólicos dos jovens. A falta de programação ou a rede de transportes não compatível com a agenda são fatores considerados impeditivos do usufruto cultural nas suas localidades. Também a escolaridade é fator discriminante. São os jovens com o ensino superior que, sem o intermédio da escola, mais frequentaram as salas dos teatros da região Norte e da região Centro, sinalizando a dificuldade de nos aproximarmos de outros jovens.

Percebemos que as criações que, de alguma forma, expõem as inúmeras possibilidades do teatro – pelo tema, linguagem, equipa artística – revelam-se chamariz da curiosidade e do experimentar, aspetos caros às culturas juvenis (Machado Pais, 2005). Vimos a funcionar mecanismos de contaminação entre esferas culturais ao analisarmos diferenças entre jovens espectadores e jovens criadores. A maior familiaridade com os processos artísticos parece anunciar uma aproximação (física-afetiva-simbólica) às artes cénicas, como no caso dos jovens participantes no projeto *PANOS – Palcos novos palavras novas* (Peças). A integração em processos de criação artística parece fósforo na palha. Longe da ideia alunizada da juventude, como experiência de interrupção (Larrosa Bondia, 2002), estimulam um vaivém de construção e desconstrução sobre o teatro – estilos e possibilidades, questões técnicas, equipamentos culturais, programação – em processos desordenados e, por vezes, caóticos e desconfortáveis. Os encontros da *Oficina de Teatro* de Bragança e de Viseu reclamaram um corpo – da cabeça às pernas, passando pelo coração: “O sangue sai do coração e passa a estar em todo lado, como esta experiência”.

Num momento singular na vida do Teatro Nacional D. Maria II, a “andar com a mochila às costas”, como nos dizia um parceiro, não vislumbramos o fim. Delineamos novos começos para D. Maria II, na recusa da posição congelada que o material genético composto pelos 177 anos poderia fornecer. A Odisseia Nacional confirma-nos que os espaços podem expandir-se, que a programação pode estar em movimento e habitada - não sem dissensos, não sem tensões, não sem difíceis equilíbrios no âmbito da missão, dos recursos, dos modelos e da flexibilidade.

Há quem diga que o caminho é muito mais fácil agora.



Fórum Jovem. Cenários Presentes em Torres Vedras
© Filipe Ferreira

Larrosa Bondía, J. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, 19, 20-28.
Machado Pais, J. (2005). *Jovens e Cidadania*. Sociologia, Problemas e Práticas, 49, 53-70.
Manscher, P. & Jankovic, P. (2010). *Quality in theatre for children*. Em: Reason, M. *The young audience: exploring and enhancing children's experiences of theatre*. eBook Stoke-on-Trent: Trentha.

* A recolha de dados que deu origem a esta síntese, tal como o trabalho de monitorização e avaliação que acompanha a Odisseia Nacional, só é possível com o empenho de toda a equipa da Direção de Relações Externas e Frente de Casa do D. Maria II.

SOZINHAS SOMOS FORTES, JUNTAS SOMOS MANAS POR ATELINEIRAS

Atelineiras são um coletivo de cinco jovens artistas, que têm vindo a desenvolver trabalhos artísticos com foco ativista e comunitário. Bea Toste, Carolina Amado, Inês Falcão, Sara Massa e Xico Xico já levaram as suas práticas experimentais ao espaço de arte e conhecimento, vaga, ou ao Festival Tremor, em Ponta Delgada. Num texto que é também uma carta de amor a São Miguel, a ilha que lhes pertence, falam da força que as une e da urgência dos coletivos e da reunião entre pessoas para que a mudança aconteça.

Atelineiras is a collective composed of five young artists who have been developing artistic work with an activist and communitarian approach. Bea Toste, Carolina Amado, Inês Falcão, Sara Massa and Xico Xico have already taken their experimental practices to the art and knowledge space, vaga, or to the Tremor Festival, in Ponta Delgada. In a piece that is also a love letter to São Miguel, the island that belongs to them, they talk about the strength that unites them and the urgency of collectives and the gathering of people to make change happen.

Tudo é amor e retribuição. Tudo o que fazemos é uma espécie de carta de amor a algo ou alguém, quer saibamos quem é o quê, ou não. Mentimos. Na verdade, tudo o que fazemos acaba por ser um ato de confiança e de demonstração de amor aos Açores. A São Miguel. À nossa comunidade. Vem sempre à tona a nossa vontade inerente de transformar um lugar que, para nós, é já um paraíso, num lugar de progressão. É o nosso sentimento insular que só nós, criaturas rodeadas por um mar que tanto é oportunidade como é falta dela, conseguimos entender; mas ele é motor. É o que nos cria e faz querer criar. Faz-nos querer continuar a questionar, em conjunto.

(em conjunto, sempre)

O coletivo é uma necessidade. Num espaço em que a tradição se mantém presa e firme por barreiras tão densas e imaginárias (água, principalmente a salgada, pode ter muitos usos, este é um deles), a criação de uma comunidade que a faz romper e mudar é natural. Daí nascem as Atelineiras e o nosso trabalho: a coletividade como ignição para questionar o sistema. Nascemos da vontade de criar e revolucionar num espaço de tempo em que o próprio encontro físico de pessoas era proibido. Talvez sejamos mesmo filhas da pandemia.

Tudo acaba por fazer sentido.



Atelineiras © Inês França

4
3

Éramos adolescentes que não queriam respeitar as regras. Queríamos movimento quando não podíamos, e usávamos essa necessidade de movimento e festa como forma de revolucionar o paradeiro corrente. Tudo o que pensávamos e trabalhávamos envolvia cor e mudança, também para explicar como funcionávamos e existíamos enquanto vivíamos na ilha. Personas e presenças disruptivas que só queriam estar em todo o lado de todas as formas, como se fosse sempre uma festa.

Sinónimo de festa: reunião de pessoas para fins recreativos.

Reunião de pessoas → pessoas → necessidade de uma união/reunião. Porquê?

Encontramos a verdade de que juntas somos mais e mais fortes, nomeadamente no que toca ao próprio processo criativo (criação torna-se um processo espontâneo, quase como uma mesa de pingue-pongue entre mais do que duas pessoas, no nosso caso cinco, ou mais, e daí a possibilidade já não acompanha a realidade, porque mentes inquietas e desesperadas por experimentação são capazes de tudo), e isso acaba por ser também o nosso posicionamento político. Nunca foi algo pensado, e a criação de coletivos não é feita de modo a combater o individualismo recorrente no panorama artístico, mas, perceber-se que o ato de colaboração e de influência entre pessoas é o que cria movimento, é importante. O contágio de ideias entre nós e as parcerias com associações e outros artistas são sempre atos e movimentos de partilha que fortalecem tanto as identidades coletivas, assim como as identidades pessoais. Que se fragilizam devido aos valores individualistas de uma sociedade que não permite voar, como se cada ser se renunciasse a si mesmo.

Ser-ser-se SER com outras Seres → Ser se ser

Ser em simbiose. Sermos, umas com as outras. Sozinhas somos fortes, juntas fazemos a festa.

Nota: O texto está escrito de acordo com o *Guia para a Linguagem Neutra*, de Ophelia Cassiano.

URGENTES EMERGENTES



Coletivo Quimera © Direitos Reservados

OS COLETIVOS ARTÍSTICOS E A SUA IMPORTÂNCIA POR COLETIVO QUIMERA

Lara de Campos, Leandro Jesus, Natureza, Piuga Velha e Thomaz Moreira formam o Coletivo Quimera. Estudantes do curso de Artes Visuais, na Universidade da Madeira, estão a dar os primeiros passos nos seus percursos artísticos. Neste testemunho, falam-nos da especial importância dos coletivos para o desenvolvimento de trabalhos individuais e colaborativos, e expressam preocupação em relação ao futuro e às condições precárias que prevalecem nas artes e na cultura, especialmente no contexto insular.

Together, Lara de Campos, Leandro Jesus, Natureza, Piuga Velha, and Thomaz Moreira form the Quimera Collective. They are currently studying Visual Arts at the University of Madeira and are just taking their first steps in their artistic careers. In this testimony, they tell us about the special importance of collectives for the development of individual and collaborative works, and express concern about the future and the precarious conditions that prevail in arts and culture, especially in the insular context.

4
5

Por vezes, as pessoas mais distintas entre si acabam por se cruzar, e foi esse o nosso caso. Conhecemo-nos em 2021 no curso de Artes Visuais da Universidade da Madeira, e desde o ano passado que surgiu em nós uma silenciosa mudança de atitude através da arte que criamos.

Em 2022 fomos expostos pela primeira vez ao conceito de "coletivo" e decidimos criar o nosso. No meio de muitas tentativas para arranjar um nome que nos representasse, surgiu, por impulso, a palavra "Quimera", que na mitologia grega simboliza uma criatura composta por vários animais. A palavra quimera não só significa uma fera com garra, mas também um conceito de sonho e de criação, de inspirações e idealizações que temos para o futuro.

Começámos então a arriscar mais nos nossos instintos e, com grande esforço, entrámos em 2023 com a nossa primeira exposição *Quem conta um conto acrescenta um ponto*, na galeria Anona, onde explorámos a mitologia grega e contos populares, desde Ulisses até ao Chupa-cabra, através das nossas vivências pessoais, medos e certezas.

Também este ano, participámos nas Feiras do Livro de Santa Cruz e do Funchal, para as quais produzimos uma revista onde apresentamos artistas madeirenses, como nós, da área visual e plástica, que também estão a começar a sua carreira, intitulada "Queimar-Pontes", que tem como objetivo dar a conhecer jovens artistas e os seus trabalhos, motivando-os a continuar a criar.

E agora, quais serão os próximos passos da Quimera? Atualmente, não temos condições para usufruir de um espaço de trabalho e, como tal, a única opção é a universidade, visto que como estudantes não temos capacidade para pagar um aluguer. Como coletivo, a partilha de espaço de trabalho é muito importante, desde a elaboração da ideia em conjunto, à execução da mesma e à sua finalização. Tanto para obras individuais como para coletivas, criamos um processo intuitivo onde nos vamos orientando através de um padrão de ideias e de opiniões, trazendo um conjunto de reflexões em grupo, através da nossa diversidade de visões do mundo. Trabalhamos com experimentação e empenho, trazendo uma carga de referências, com as quais constituímos muitos ensaios para uma versão final. O medo de mostrar a nossa camada mais pessoal é superado pelo apoio dos nossos pares, o que é sempre um privilégio. A crítica é uma parte importante do trabalho, tal como a reflexão que dela advém, sempre com respeito, que é a base da nossa organização.

Hoje continuamos a preocupar-nos com a qualidade e a quantidade de oportunidades, estamos sempre a pensar no próximo passo e de como podemos continuar a criar o melhor com o que temos, fazendo uma mudança na cultura regional para que possam existir melhores condições de trabalho, através da nossa existência e teimosia. Queremos criar um impacto social relevante, para nós e para os que vierem depois terem a possibilidade de fazer o mesmo e, até, cada vez melhor.

Ser artista insular é um desafio, porque somos esquecidos, e por isso obrigados a sair da ilha pelas suas condições precárias. Vemos que, no caso da Madeira, o investimento tem apenas um intuito turístico, o que faz com que a cultura seja desvalorizada, quando esta não se enquadra nessa realidade.



Primeira edição da revista *Queimar-Pontes*, Coletivo Quimera.

A rubrica Urgentes Emergentes tem o apoio do BPI e da Fundação "la Caixa", mecenas do Teatro Nacional D. Maria II



URGENTES EMERGENTES

Dr. Bruno Carreiro com todos os colaboradores da peça *Os Meais* na noite da 50.ª representação, estreada a 24 novembro 1945. TNDM II. Fot. de Horácio Novais. LRR 1945-1946-009



BE NOT AFEARD; THE ISLE IS FULL OF NOISES

POR TIAGO BARTOLOMEU COSTA

Mais do que olhar para os últimos 100 anos do teatro português, *Quem és tu? – Um teatro nacional a olhar para o país* procura explorar as ligações que existem entre as criações e os elementos que fazem parte do D. Maria II e a história do país. De forma singular, a exposição procura evidenciar relações de proximidade e de diálogo entre o Teatro Nacional e cada região por onde vai passando. O curador da exposição, Tiago Bartolomeu Costa, revela alguns dos elementos únicos que podem ser encontrados nos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

More than looking back over the last 100 years of the Portuguese theatre, *Quem és tu? - Um teatro nacional a olhar para o país* seeks to explore the connections between the creations and elements that are part of Teatro Nacional D. Maria II and the history of the country. In a unique way, the exhibition intends to bring to light relationships of proximity and dialogue between the National Theatre and each region it visits. The exhibition's curator, Tiago Bartolomeu Costa, unveils some of the exclusive elements that can be found in the Azores and Madeira archipelagos.

AGENDA

Exposição

QUEM ÉS TU?

UM TEATRO NACIONAL A OLHAR PARA O PAÍS

8-29 JUL · Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas (Ribeira Grande)

9-30 SET · Teatro Baltazar Dias (Funchal)



Estudo para o figurino "Diabo" da peça *Auto da Alma* de Gil Vicente da autoria de José de Almada Negreiros. Lisboa, 1965. Coleção particular. Fundo Almada Negreiros e Sarah Afonso. ANSA-A-118



Maquete para o cenário do segundo ato da peça *O Milhafre*, de Armando Côrtes-Rodrigues da autoria de Domingos Rebelo. Aguarela sobre papel, 1927. Coleção Museu Carlos Machado, MCM7222

O Teatro Nacional D. Maria II teve, ao longo da sua história, uma relação muito próxima com as diferentes disciplinas artísticas. O trabalho realizado por artistas plásticos, arquitetos, cineastas, estilistas e autores de moda, acompanharam as criações das mais diferentes formas, em cenografias, trajes e imaginário que são, em si mesmos, narrativas paralelas à história do teatro, tanto quanto são janelas para contextualizar o trabalho destes artistas num campo mais alargado e, em alguns casos, antes mesmo de sabermos que existia um vocabulário que os definisse.

Em *Quem és tu? – Um teatro nacional a olhar para o país*, e nas montagens especificamente concebidas para as regiões autónomas, foram privilegiadas essas relações de proximidade, diálogo, contexto e ampliação que, no período coincidente com a ditadura do Estado Novo, entre 1926 e 1974, serviram, muitas vezes, de comentário implícito e resistente ao que a censura proibia ou limitava.

É desse modo que devemos entender as criações de Almada Negreiros (1893-1970), figura tutelar e artista inclassificável, que serviu vários anos a todos manipulando, e deles se serviu para construir uma obra polissémica, entre encenação, coreografia, cenários, trajes e desenho. A complexidade de relações que podiam ser estabelecidas num país vigiado pelo poder e entre si, está patente no diálogo entre autores de peças de perfil socialmente comprometido com os valores do regime, refletidos em políticas sociais de índole moralizante, com impacto na vida pública e na privacidade individual e das famílias, e nomes como Rolando Sá Nogueira (1921-2002) e João Vieira (1934-2009), que criaram cenografias procurando um equilíbrio entre o que podia ser dito, o que deveria ser escutado, e o que a vista poderia compreender. Ao lado dos colaboradores regulares, como os cenógrafos José Barbosa (1900-1977) e Lucien Donnat (1920-2013), e dos artistas plásticos que se seguiram depois da revolução, como Júlio Pomar (1926-2018), ou aqueles que aqui tiveram algumas das suas únicas experiências para palco, como Fernanda Fragateiro e João Louro, constrói-se uma história paralela à do teatro, agora ampliada para as artes visuais.

É essa ideia de completude, num ardiloso jogo de sombras, que se procura mostrar, numa exposição que apresenta elementos relativos a espetáculos estreados naquele que era assumido como o primeiro teatro do país – dito “o normal”, porque a partir dele se estabelecia a norma – com meios de produção



João de Carvalho, Afonso Guerreiro, Paula Valério, Rita Rato e Pedro Melo em *Passa Por Mim no Rossio*, num quadro criado especialmente para as apresentações no Casino do Funchal, em 1992. TNDM II. Fot. de Rui Camacho, AT 54-006

que não estavam ao alcance dos demais, mas, também por isso, mais vigiado, exposto e debatido. Ainda, o diálogo entre os artistas e os espetáculos permite compreender de que modo um teatro, enquanto lugar transitório e efêmero, pode participar das vanguardas, estéticas e movimentos artísticos, dando-lhes um contexto e uma finalidade – tanto quanto uma finitude – que traduz, para o olhar do espectador, a possibilidade de participação e inscrição na discussão ativa sobre o lugar da arte e do teatro, muito particularmente, enquanto ativador, e não só reflexo, da sociedade.

Os vários núcleos temáticos da exposição participam de um intrínseco e filigrânico mapa relacional, a partir do qual os elementos herdados dos espetáculos apresentados, são ativadores de releituras, reescritas e contextualizações sobre a relação comparada entre o teatro e o país. A proposta de organização sublinha, por isso, elementos que atendem a traduções cênicas de representações sociais relativas ao papel atribuído às mulheres no palco e na sociedade; à presença de intérpretes negros e à representação de textos que refletiram a evolução da representatividade dos territórios colonizados ao longo das décadas; na demonstração de poder e interdependência entre a política, a igreja e a justiça; à arbitrariedade das interdições e a resposta criativa às mesmas; à construção de identidades coletivas a partir de conflitos sobre identificação e identidades individuais, num contexto fronteiriço entre nacionalismo e patriotismo; à excepcionalidade de biografados, na análise da complexidade de construção de um percurso artístico no interior de modelos sociais convulsos.

Quem és tu? – Um teatro nacional a olhar para o país inclui, ainda, um núcleo específico, que recupera imagens e materiais relativos às passagens, em 1927 e 1952, da Companhia Rey Colaço – Robles Monteiro, pelos arquipélagos dos Açores e da Madeira, em viagens que permitiram aos públicos de então, assistir a espetáculos que integravam o repertório da companhia e que, mais tarde, se apresentaram no Teatro Nacional D. Maria II. Nesse sentido, destacam-se dois elementos que distinguem ainda, as duas montagens nos arquipélagos. Para a apresentação nos Açores, sublinha-se a estreia de *O Milhafre*, do autor local Armando Côrtes-Rodrigues, em 1927; na Madeira, mostra-se a adaptação feita especialmente para as apresentações de *Passa Por Mim no Rossio*, em 1992, no Casino da Madeira.

* O título deste texto recupera uma frase da peça *The Tempest*, de William Shakespeare, da qual o único registo de apresentação no Teatro Nacional D. Maria II que se encontra é uma adaptação para crianças, em 2005, intitulado *A Ilha Encantada*, revelando assim o mundo que há ainda por descobrir e inscrever na nossa memória enquanto públicos e cidadãos.

A Exposição "Quem és tu?" é uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II em parceria com a Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril e o Museu Nacional do Teatro e da Dança.

ESPAÇOS INSULARES QUE NOS ABREM AS PORTAS

Entre teatros e centros culturais, alguns nascidos há mais de 150 anos, outros construídos nas últimas décadas, os espaços que acolhem a Odisseia Nacional são dignos de destaque. Para além de lugares de visita obrigatória, são importantes polos dinamizadores com uma programação cultural ativa e diversa, num equilíbrio entre propostas artísticas locais, nacionais e internacionais.

Amongst theatres and cultural centres, some of which were established over 150 years ago, others built in recent decades, the venues that host Odisseia Nacional are worthy of note. As well as mandatory stops, they are important pulsating hubs with an active and diverse cultural programme, in a balance between local, national, and international artistic proposals.

INSULAR SPACES OPENING THEIR DOORS TO US

TEATRO ANGRENSE, ANGRA DO HEROÍSMO

Inaugurado em 1860, o Teatro Angrense é considerado um dos mais belos e imortais teatros dos Açores, ou não fosse este edifício oitocentista ter resistido sem danos estruturais ao grande sismo de 1980. Localizado no centro histórico da cidade, em plena zona classificada como Património Mundial pela UNESCO, exteriormente apresenta-se como um edifício de influência neoclássica, coroado por um frontão triangular. No seu interior, a ilustre sala com estrutura em madeira, composta por uma plateia, balcão, frisas e camarotes de duas ordens, é um exemplar único na Ilha Terceira de um teatro aberto à italiana.

Mantendo a beleza da arquitetura original, o teatro foi modernizando as suas condições técnicas, promovendo uma programação que engloba diferentes vertentes artísticas, como o teatro, a música e a dança.

TEATRO ANGRENSE, ANGRA DO HEROÍSMO

Teatro Angrense originally opened in 1860, and is considered one of the most beautiful and timeless theatres of the Azores — this 19th century building withstood the great earthquake of 1980 with no structural damage. Located in the historical centre of the city, in the heart of the UNESCO World Heritage area, it is a building of neoclassical influence crowned by a triangular pediment. Inside, the magnificent hall with its wooden structure, comprising the stall seats, the dress circle, and the second boxes seats, is an unparalleled specimen of an Italian-style open theatre in Terceira Island.

While maintaining the beauty of its original architecture, the theatre's technical conditions have been modernised, and its programme covers different artistic aspects, such as theatre, music, and dance.



TEATRO FAIALENSE, HORTA

Um teatro com várias vidas. Em 1856 nasceu o Teatro União Faialense, apontado como o primeiro teatro regular dos Açores. Em 1916, o edifício foi reconstruído, dando origem à fachada revestida de azulejos amarelo-ocre, que se mantém até aos dias de hoje. Por essa altura, o teatro foi também rebatizado, passando a chamar-se Teatro Fayalense. Atualmente, e desde 2003, após obras de restauro e ampliação, renasce como Teatro Faialense.

Do ponto de vista arquitetónico, foram mantidos os vários andares de camarotes, que conferem à sala principal uma aura clássica e intemporal. O teto ganhou uma pintura alusiva à Música, da autoria do artista plástico açoriano José Nuno da Câmara Pereira.

O Teatro Faialense apresenta regularmente espetáculos de teatro, dança, música e sessões de cinema.

TEATRO FAIALENSE, HORTA

This is a theatre with many lives. Teatro União Faialense, the first regular theatre in the Azores, was opened in 1856. In 1916, the building was reconstructed, resulting in the ochre-yellow tile-covered façade still in use today. Around that time, the theatre was also renamed Teatro Fayalense. Currently, and since 2003, after restoration and expansion works, it has been reborn as Teatro Faialense.

From an architectural point of view, the various floors of boxes were kept, lending the main hall a classic and timeless aura. The ceiling was given a new painting allusive to Music, created by the Azorean artist José Nuno da Câmara Pereira.

Teatro Faialense regularly presents theatre, dance, and music performances, as well as cinema screenings.



Teatro Micaelense © Fernando Resendes

TEATRO MICAELENSE, PONTA DELGADA

Em 1865 abriu ao público o primeiro Teatro Micaelense, um espaço que se converteu num cinema nos anos 1920, e que viria a ser destruído por um incêndio, 10 anos mais tarde. Foi em 1951 que nasceu o novo edifício, com uma sala de espetáculos com capacidade para uns impressionantes 1000 lugares. Requalificado em 2004, reabriu com uma renovada sala, mantendo o encanto das construções dos anos 50 num edifício modernizado, pronto para se tornar um centro cultural aberto à comunidade.

O Teatro Micaelense dinamiza atividades em vertentes artísticas como teatro, dança, música, cinema ou artes plásticas. É também um conceituado centro de congressos.

TEATRO MICAELENSE, PONTA DELGADA

The first Teatro Micaelense was inaugurated in 1865. The venue was turned into a cinema in the 1920s, and destroyed by fire 10 years later. The new building was erected in 1951, with an impressive 1,000-seat performance hall. Refurbished in 2004, it reopened with a renovated hall, keeping the charm of the 1950s structures in a modernised building, ready to become a cultural centre open to the community.

Teatro Micaelense promotes activities in various artistic areas such as theatre, dance, music, cinema, and visual arts. It also serves as a renowned congress centre.



Teatro Faialense © Urbhorta



Arquipélago © José Campos

ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS, RIBEIRA GRANDE

Nascido a partir da adaptação de uma antiga fábrica de tabaco e álcool, o Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas (ACAC) é, desde 2015, um incontornável centro multidisciplinar de arte contemporânea. Com uma área útil de cerca de seis mil metros quadrados, o projecto arquitectónico multipremiado, da autoria de Francisco Vieira de Campos, Cristina Guedes e João Mendes Ribeiro, promove um diálogo entre a construção industrial existente e as novas instalações, pensadas para a partilha e criação de variados objetos artísticos, que atravessem diferentes disciplinas: artes visuais e performativas, multimédia, cinema, música, arquitetura, design, ilustração, literatura e moda.

Museu, sala de espetáculos, núcleo dinamizador de projetos, o ACAC afirma-se como um equipamento artístico ativador da participação comunitária, envolvendo não só a Ribeira Grande e São Miguel, como as nove ilhas açorianas.

ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS, RIBEIRA GRANDE

Born out of the conversion of an old tobacco and alcohol factory, Arquipélago – Contemporary Arts Centre (ACAC) has been a leading multidisciplinary centre for contemporary art since 2015. With a usable floor area of around six thousand square metres, the multi-award-winning architectural project designed by Francisco Vieira de Campos, Cristina Guedes, and João Mendes Ribeiro fosters a dialogue between the existing industrial building and the new facilities, conceived for the sharing and creation of various artistic objects which span across multiple fields, such as visual and performing arts, multimedia, film, music, architecture, design, illustration, literature, and fashion.

A museum, performance hall, and centre for project promotion, ACAC stands out as an artistic institution that activates community participation, engaging not only Ribeira Grande and São Miguel, but the nine Azorean islands as well.

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS, FUNCHAL

Oficialmente inaugurado em 1888, o teatro municipal assumiu várias nomenclaturas até chegar ao nome de Baltazar Dias. Na sua abertura, chamou-se Teatro D. Maria Pia, como forma de homenagem à rainha. Em 1910, dada a mudança de regime, foi alterada a designação para Teatro Dr. Manuel de Arriaga, nome que o próprio recusou, passando a chamar-se, a partir de 1912, Teatro Funchalense. Quando Manuel de Arriaga morreu, em 1917, o teatro volta a assumir o nome do primeiro presidente eleito da República Portuguesa, para, finalmente, em 1935, assumir o nome que hoje lhe pertence, em homenagem ao dramaturgo e poeta madeirense, Baltazar Dias.

Possui uma belíssima e emblemática sala de espetáculos em forma de ferradura, seguindo a tipologia italiana, à semelhança do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa, e do Teatro alla Scala, em Milão.

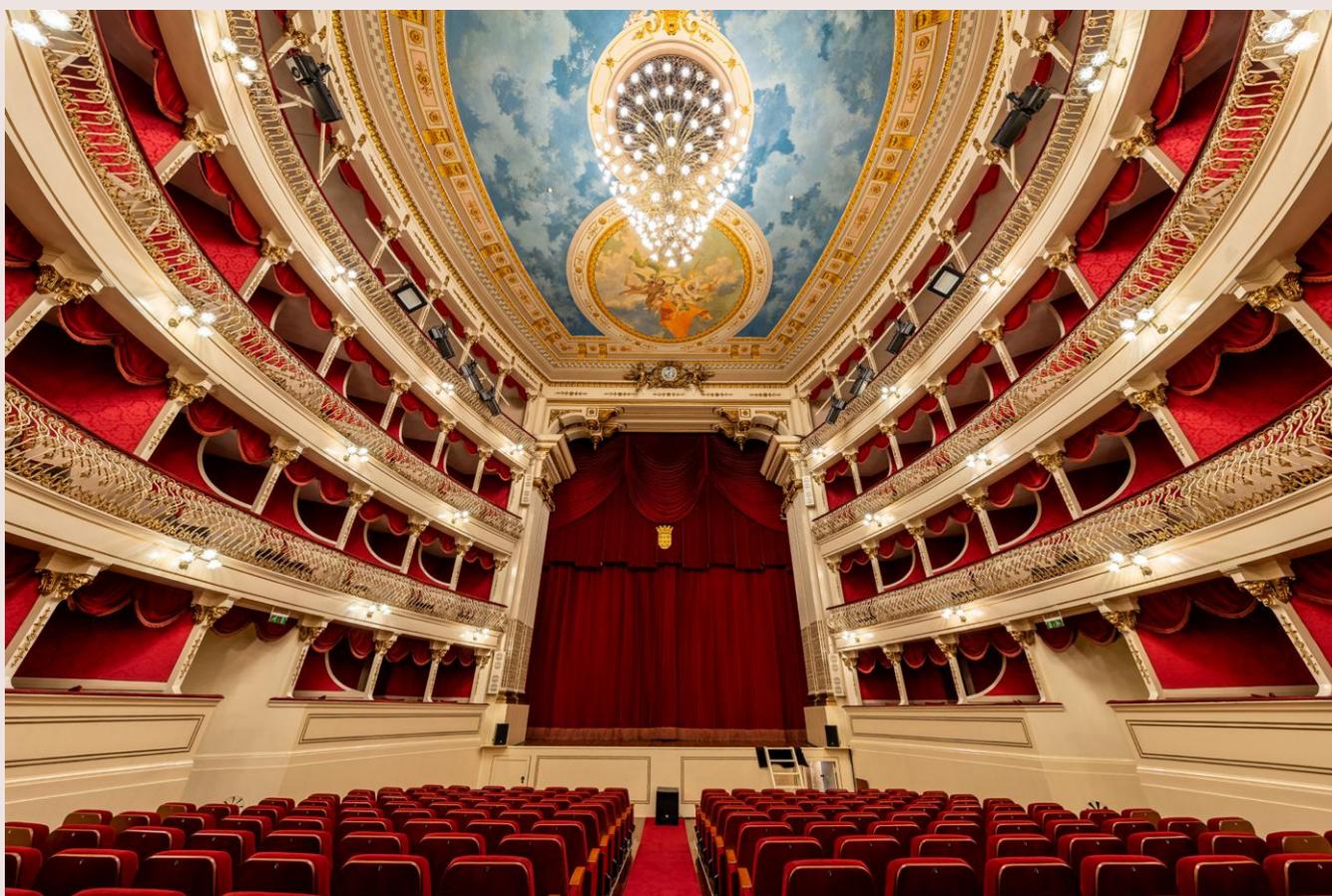
Um espaço central na vida cultural do Funchal, possui uma programação variada e eclética, com propostas que passam pelo teatro, música, dança e cinema.

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS, FUNCHAL

Officially inaugurated in 1888, the municipal theatre took on various names until it was given the name Baltazar Dias. At its opening, it was called Teatro D. Maria Pia as a tribute to the Queen. In 1910, when the political regime changed, the name was altered to Teatro Dr. Manuel de Arriaga, a name Arriaga himself rejected. And from 1912 onwards, it was called Funchalense Theatre. When Manuel de Arriaga died in 1917, the theatre readopted the name of the first elected president of the Portuguese Republic. Finally, in 1935, it acquired its current name in honour of the Madeiran playwright and poet Baltazar Dias.

The theatre features a splendid and emblematic horseshoe-shaped performance hall, according to the Italian style, similar to the National Theatre of São Carlos, in Lisbon, and the Teatro alla Scala, in Milan.

A pivotal space in the cultural life of Funchal, it offers a varied and eclectic programme, with various activities including theatre, music, dance, and cinema.





CENTRO DAS ARTES – CASA DAS MUDAS, CALHETA

Situada numa colina junto à vila da Calheta, a Casa das Mudas foi inaugurada em 2004, concretizando o projeto idealizado pelo arquiteto madeirense Paulo David. O edifício, premiado internacionalmente pela sua arquitetura e perfeita integração na paisagem, possui uma área de exposições, um auditório, um centro de documentação e biblioteca, cafetaria e loja.

A coleção museológica e artística, anteriormente instalada na Fortaleza de São Tiago, no Funchal, conta com cerca de 400 obras de arte de enorme relevância, datadas entre os anos 1960 e a atualidade, constituindo um importante acervo nacional sobre a produção artística portuguesa. Podem encontrar-se obras da autoria de Lourdes Castro, Maria Helena Vieira da Silva, Martha Telles, Pedro Cabrita Reis, Daniel Blaufuks, Álvaro Lapa ou Ana Hatherly.

Para além da coleção permanente, a Casa das Mudas promove exposições temporárias, espetáculos musicais, peças de teatro ou conferências.

CENTRO DAS ARTES – CASA DAS MUDAS, CALHETA

Located on a hill near the town of Calheta, Casa das Mudas was inaugurated in 2004, following the project conceived by Madeiran architect Paulo David. The building, which has won international awards for its architecture and perfect integration within the landscape, features an exhibition hall, an auditorium, a documentation centre and library, a café, and a shop.

The museum and art collection, previously housed in the São Tiago Fortress in Funchal, includes around 400 works of art of immense importance, dating from the 1960s to the present day, and constitutes an important national collection of Portuguese artistic production. There, one can find pieces by Lourdes Castro, Maria Helena Vieira da Silva, Martha Telles, Pedro Cabrita Reis, Daniel Blaufuks, Álvaro Lapa, and Ana Hatherly.

In addition to its permanent collection, Casa das Mudas promotes temporary exhibitions, musical shows, plays, and conferences.

AÇORES E MADEIRA EM CINCO EXPERIÊNCIAS ÚNICAS

Os arquipélagos dos Açores e da Madeira estão repletos de beleza natural e de recantos exóticos, sem contar com os imensos tesouros que ali se escondem. Na Odisseia Nacional, aportamos às ilhas do Atlântico para descobrir novas experiências para além do teatro.

AZORES AND MADEIRA IN FIVE EXCLUSIVE EXPERIENCES

The archipelagos of the Azores and Madeira are bursting with natural beauty and exotic nooks and crannies, not to mention immense hidden treasures. In Odisseia Nacional, we dock in the Atlantic Islands to discover new experiences beyond the theatre.

COSTA NORTE DA MADEIRA

Montanhas, florestas, arribas e mar. Assim é a costa norte da Madeira. É lá que se encontram algumas das paisagens mais arrebatadoras da ilha, como as impressionantes grutas vulcânicas de São Vicente, as piscinas naturais de Porto Moniz, sempre convidativas para um mergulho no Atlântico, ou o miradouro das Cabanas, que nos oferece uma vista privilegiada sobre o Arco de São Jorge e a ilha do Porto Santo, em dias abertos. É também na Costa Norte que podemos admirar com mais tons de verde a floresta Laurissilva, um tesouro natural que ocupa cerca de 15 mil hectares da ilha da Madeira, 20 por cento do seu território, e que aqui é mais rica devido à abundância de água na região. Não deixe de explorar os magníficos trilhos, miradouros e cursos de água que a Costa Norte oferece aos visitantes.

MADEIRA'S NORTH COAST

Mountains, forests, cliffs, and sea. Such is the north coast of Madeira. That is where you will find some of the island's most breathtaking landscapes, like the impressive volcanic caves of São Vicente, the natural pools of Porto Moniz, which invite visitors to take a dip in the Atlantic, or the Cabanas belvedere, which offers a magnificent view over Arco de São Jorge and the island of Porto Santo on sunny days. It is also along the north coast that we can appreciate the laurel forest, a natural treasure that covers around 15 thousand hectares of the island of Madeira, 20 per cent of its territory, and which is richer here because of the region's abundance of water. Be sure to explore the magnificent trails, viewpoints, and watercourses that the north coast has to offer.



Porto Moniz, Madeira © Carlos Gouveia

PAISAGEM DA CULTURA DA VINHA DA ILHA DO PICO

A ilha do Pico é a segunda maior ilha dos Açores e é bem conhecida por ser ali o ponto mais alto do arquipélago e de Portugal: a montanha do Pico, com 2351 metros de altitude. No sopé da montanha encontramos uma das mais belas paisagens açorianas, a paisagem da cultura da vinha da ilha do Pico. Estima-se que a presença de atividade vitivinícola na ilha se iniciou com a chegada dos povoadores no século XV. Desde essa altura que as gentes do Pico iniciaram a árdua tarefa de plantar vinha num solo rochoso e aparentemente improdutivo, recorrendo a um engenhoso sistema de construção de muros que tinham como função proteger a vinha do vento e do rocío. A labiríntica paisagem murada traz à ilha do Pico uma particular beleza, resultante da conjugação da ação humana com a da natureza. Apesar de ser uma atividade menos intensa do que em outras épocas, o *terroir* único da ilha ainda produz vinhos de exceção que vai querer provar.

PICO ISLAND VINEYARDS LANDSCAPE

Pico island is the second largest island of the Azores and it is well-known for hosting the highest point of the archipelago and of Portugal: the Pico mountain, with an altitude of 2351 metres. At the foot of the mountain lies one of the most beautiful Azorean landscapes, the landscape of the island's wine culture. The presence of winemaking there is estimated to have started with the arrival of the settlers in the 15th century. Since then, the people of Pico embarked on the arduous task of planting vines on rocky and apparently unproductive soil, using an ingenious system of wall construction to protect the vines from the wind and the dew. The labyrinthine walled landscape brings a particular beauty to the island of Pico, as a result of the combination of human action and nature. Although this activity was more intense in the past, the island's unique *terroir* still produces exceptional wines that you will definitely want to taste.



Paisagem da cultura da vinha da ilha do Pico © António Carvalho Cunha



Fajã da Caldeira do Santo Cristo © Alexandre Delmar

FAJÃ DA CALDEIRA DO SANTO CRISTO, SÃO JORGE

É na costa norte da ilha de São Jorge que encontramos a Fajã dos Cubres e, a cerca de três quilómetros, a Fajã da Caldeira do Santo Cristo. Procurada por praticantes de surf e bodyboard, esta fajã é alcançável por dois percursos pedestres, um a partir da Fajã dos Cubres e outro desde a Serra do Topo. O caminho para lá chegar já antecipa a magnífica paisagem que nos recebe, com a lagoa e o mar revolto mais adiante. É também ali que se encontra uma iguaria da região: as amêijoas que servem de base para muitos pratos típicos. Para além dos seus belíssimos atributos naturais e da tranquilidade que a caracteriza, a Fajã da Caldeira do Santo Cristo recebe todos os anos, em setembro, muitos peregrinos que ali se deslocam para prestar a sua devoção na igreja de Santo Cristo.

FAJÃ DA CALDEIRA DO SANTO CRISTO, SÃO JORGE

It is on the North Coast of São Jorge Island that we can find Fajã dos Cubres, and, about 3 kilometres away, Fajã da Caldeira do Santo Cristo. A popular spot for surfers and bodyboarders, this fajã can be accessed through two different footpaths, one from Fajã dos Cubres and another from Serra do Topo. The road to get there is already a preview of the magnificent landscape that welcomes us with the lagoon and the raging sea further ahead. It is also there that you can find a delicacy of the region: the clams, which are the foundation for many typical dishes. Besides its beautiful natural attributes and the calmness that characterises it, every year in September Fajã da Caldeira do Santo Cristo welcomes numerous pilgrims, who go there to pay their respects at the Santo Cristo church.



Furna do Enxofre, Graciosa © Azores Promotion Board VisitAzores

FURNA DO ENXOFRE, GRACIOSA

Situada na parte sudeste da Caldeira da Ilha Graciosa, a Furna do Enxofre tem atraído ao longo dos anos vários visitantes curiosos e até alguns ilustres como, no século XIX, o Príncipe Alberto do Mónaco e os naturalistas Fouqué e Hartung. Hoje, o acesso a esta caverna lávica faz-se através do Centro de Visitantes da Furna do Enxofre, onde um percurso expositivo antecede a descida por uma escadaria com 183 degraus e 37 metros de altura. Chegados ao fim, os visitantes podem apreciar a imponente caverna com 194 metros de comprimento e 50 metros de altura na sua parte central, que revela um deslumbrante teto em abóbada perfeita, a maior abóbada vulcânica da Europa, revestido por pequenas estalactites. Na zona mais profunda, encontramos uma lagoa com cerca de 11 metros de profundidade, bem como um campo fumarólico constituído por uma fumarola com água lamacenta e por emanações gasosas secas do solo.

FURNA DO ENXOFRE, GRACIOSA

Located in the southeast area of the caldera of Graciosa Island, Furna do Enxofre has over the years attracted many curious visitors and even some renowned ones — in the 19th century, it was visited by Prince Albert of Monaco and the naturalists Fouqué and Hartung. Nowadays, access to this lava cave is possible through the Furna do Enxofre Visitors Centre, where an exhibition tour precedes the descent down a staircase consisting of 183 steps and 37 metres high. At the end of the trail, visitors can contemplate the imposing cave, which is 194 metres long and 50 metres high in its centre, revealing a stunning ceiling shaped like a perfect dome, the largest volcanic one in Europe, coated with small stalactites. In the most profound area, there is a 11-metre deep lagoon, as well as a fumarolic field consisting of a fumarole with muddy water and dry gaseous emanations from the ground.

VIAGEM DE BARCO ENTRE AS FLORES E O CORVO

São as ilhas do grupo ocidental do arquipélago dos Açores, as mais distantes do continente europeu, e dão múltiplas razões para as conhecermos de perto. Do Corvo dizem que as suas gentes são, desde logo, o grande motivo para uma visita, seguido da beleza arrebatadora do Caldeirão e da restante paisagem desta que é a ilha mais pequena dos Açores. Já a ilha das Flores integra a rede mundial de Reservas da Biosfera da UNESCO e caracteriza-se pela costa recortada e escarpada, onde o elemento água é presença constante com cascatas, lagoas, ribeiras e poços. Como se tudo isto não bastasse, viajar entre as duas ilhas num passeio de barco é, em si, uma experiência com direito a muita aventura, paisagens arrebatadoras e até avistamento de cetáceos.

BOAT TRIP BETWEEN FLORES AND CORVO

These are the islands of the Western group of the Azores archipelago, the most distant ones from the European continent, and there are plenty of reasons to discover them from up close. They say that the people of Corvo are the main reason for a visit, followed by the overwhelming beauty of Caldeirão and the surrounding landscape of the smallest island in the Azores. The island of Flores, on the other hand, is part of UNESCO's World Network of Biosphere Reserves and features a jagged and rugged coastline, where water is a constant element in waterfalls, lakes, streams, and wells. As if all this were not enough, travelling between the two islands by boat is in itself an experience that includes a fair amount of adventure, breathtaking landscapes, and even sightings of cetaceans.

6
1



O Corvo visto das Flores © Visitazores

FORA DE PALCO

A EQUIPA DO D. MARIA II

Direção Artística

Pedro Penim

Conselho de Administração

Rui Catarino, Sofia Campos, Sónia Teixeira

Fiscal Único

Amável Calhau & Associados, SROC, Lda.

Adjunto Direção Artística

Luís Sousa Ferreira

Assessoria Direção Artística

Sandra Azevedo

Secretariado

Marina Almeida Ricardo

Motorista

Filipe Guerreiro

Elenco Residente

João Grosso, José Neves, Manuel Coelho

Direção de Produção

Carla Ruiz

Produção Executiva

Pedro Pires (coord.), Bruna Antonelli, Eva Nunes, João Lemos, Paula Fernandes, Pedro Pestana, Rita Forjaz

Direção de Cena

André Pato

Diretoras/es de Cena

Andreia Mayer, Carlos Freitas, Catarina Mendes, Isabel Inácio, Pedro Leite, Sara Cipriano

Guarda-roupa

Aldina Jesus (coord.), Alejandra Pliego, Ana Martins, João Pinto, Sílvia Galinha

Auxiliares de Camarim

Carla Torres, Paula Miranda, Rita Moreira, Sandra Margarido

Adereços Nuno Costa

Assistente Direções de Cena e Técnica

Sara Villas

Direção Técnica

Rui Simão

Coordenação Técnica

Daniel Varela

Maquinaria e Mecânica de Cena

Frederico Godinho (coord.), Jorge Aguiar, Lindomar Costa, Marco Ribeiro, Miguel Carreto, Paulo Brito, Reginaldo Silva

Iluminação

Feliciano Branco (coord.), Filipe Quaresma, Gonçalo Morais, Luís Lopes, Pedro

Alves, Rita Sousa

Som/Audiovisual

João Pratas (coord.), André Dinis Carrilho, João Francisco Silva, João Neves, Margarida Pinto, Rui Dâmaso

Motorista

Carlos Luís

Direção de Comunicação e Marketing

João Pedro Amaral

Assessoria de Imprensa

Élia Teixeira

Digital

Joana Bonifácio, Mariana Santos

Edição de Conteúdos

Diogo Seno

Produção de Comunicação

Catarina Freire

Secretariado

Paula Martins

Direção Administrativa e Financeira

Luís Cá

Controlo de Gestão

Diogo Pinto

Contabilidade

Susana Cerqueira (coord.),

Carolina Lemos,

Sophie Tomás

Compras

Eulália Ribeiro

Contratação Pública

Rute Presado (coord.)

Tesouraria

Sofia Ventura

Recursos Humanos

Lélia Calado, Luísa Araújo,

Madalena Domingues

Direção de Manutenção

Susana Dias

Coordenação

de Manutenção

Albertina Patrício

Manutenção Geral

Raul Rebelo (coord.),

Carlos Henriques, Eduardo

Chumbinho, Tiago Trindade

Sistemas de Informação

Carlos Dias (coord.), Nuno

Viana

Limpeza

Ana Paula Costa, Luzia

Mesquita

Direção de Relações Externas e Frente de Casa

Ana Ascensão

Parcerias, Desenvolvimento e Fundraising

Ana Pinto Gonçalves

Mediação e Projetos

de Continuidade

Carolina Villaverde Rosado,

Joana Grande, Léa Prisca

López, Madalena Flores,

Maria João Santos, Mariana

Gomes

Avaliação

e Monitorização

Patrícia Silva Santos

Bilheteira

Rui Jorge (coord.),

Carla Cerejo,

Sandra Madeira

Receção

Paula Leal

Direção de Documentação e Património

Cristina Faria

Produção Executiva

Patrícia Romão

Acervo

Rita Carpinha

Biblioteca | Arquivo

Catarina Pereira, Ricardo

Cabaça, Vera Azevedo

Livraria

Maria Sousa

6

Revista Ítaca

Proprietário

Teatro Nacional D. Maria II

Coordenação Editorial

Carolina Lapa

Cláudia Lomba

Conteúdos

Atelineiras, Bernardo de

Lacerda, Carolina Lapa,

Coletivo Quimera,

Idalécio Francisco, Jessy

James, Marco Paiva,

Maria Inês Santos, Maria

Vlachou, ondamarela,

Patrícia Silva Santos, Rafael

Ascensão, Rita Forjaz,

Rui Maria Pêgo, Tiago

Bartolomeu Costa

Tradução

Sara Veiga

Tiragem

17.000 exemplares

2

AÇORES

JULHO

| | | | |
|-----------|--------------|--|-------------------|
| 7 Jul | Espectáculos | O Misanthropo - por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière | Horta |
| 8 Jul | Participação | Canta Conto Conta | Horta |
| 8–29 Jul | Exposição | Quem és tu? – Um Teatro Nacional a olhar para o país | Ribeira Grande |
| 10 Jul | Formação | Economia e Política Cultural | Ponta Delgada |
| 11 Jul | Formação | Manutenção e Segurança de Equipamentos Culturais | Ponta Delgada |
| 12 Jul | Formação | Públicos com Necessidades Específicas | Ponta Delgada |
| 13–15 Jul | Formação | Direção de Cena e Técnica | Ponta Delgada |
| 14 Jul | Espectáculos | Casa Portuguesa | Ponta Delgada |
| 15 Jul | Participação | Canta Conto Conta | Angra do Heroísmo |
| 21 Jul | Espectáculos | O Misanthropo - por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière | Angra do Heroísmo |
| 22 Jul | Participação | Canta Conto Conta | Ribeira Grande |

MADEIRA

SETEMBRO

| | | | |
|-----------|--------------|---|---------|
| 9–30 Set | Exposição | Quem és tu? – Um Teatro Nacional a olhar para o país | Funchal |
| 18 Set | Formação | Economia e Política Cultural | Funchal |
| 19 Set | Formação | Monitorização e Avaliação de Atividades Culturais | Funchal |
| 20 Set | Formação | Públicos com Necessidades Específicas | Funchal |
| 21–23 Set | Formação | Direção de Comunicação e Mediação | Funchal |
| 23 Set | Espectáculos | Casa Portuguesa | Funchal |
| 29–30 Set | Participação | Solo | Funchal |
| 29–30 Set | Espectáculos | descobri-quê? | Calheta |
| 30 Set | Escolas | Laboratório Teatral – descobri-quê? | Calheta |



REPÚBLICA PORTUGUESA

CULTURA

PARCEIROS D. MARIA II

PARCEIRO PRINCIPAL

O Grupo Ageas Portugal é o parceiro principal do Teatro Nacional D. Maria II desde 2019. Através do seu apoio à Rede Eunice Ageas e ao Prémio Revelação Ageas Teatro Nacional D. Maria II, contribui para o acesso ao teatro ao nível nacional e para o reconhecimento de novos talentos no âmbito teatral. Durante o ano de 2023, o Grupo Ageas Portugal apoia ainda o projeto de acessibilidade do D. Maria II.

grupo
ageas[®]
portugal

MECENAS

O Banco BPI e a Fundação "la Caixa" são mecenas dos projetos PANOS e Próxima Cena. Este apoio fortalece o trabalho desenvolvido pelo Teatro Nacional D. Maria II nos âmbitos educativo e do desenvolvimento de públicos.



BPI



Fundação "la Caixa"

PARCEIRO DE INOVAÇÃO

A NTT DATA Portugal associa-se ao Teatro Nacional D. Maria II para promover a inovação cultural e no projeto Antecipar o Futuro.

NTT DATA

ODISSEIA NACIONAL

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



O Presidente da República

ATOS



FRUTOS



CENÁRIOS

Portugal
**INOVACÃO
SOCIAL**



NEXOS



APOIO INSTITUCIONAL



PROGRAMA VALORIZAR

Linha de Apoio ao Turismo Acessível



REDES DE ARTES PERFORMATIVAS



